

MESTRADO INTEGRADO

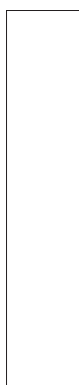
ARQUITETURA

Mercado Municipal de Amarante: Diálogo entre Arquitetura e Cultura

Bárbara Nunes de Magalhães

M

2017



**MERCADO MUNICIPAL DE AMARANTE:
DIÁLOGO ENTRE A ARQUITETURA E A CULTURA**
BÁRBARA FILIPA NUNES DE MAGALHÃES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA À
FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

PROFESSOR ACOMPANHANTE
PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO NEVES

PORTO, 2017

AGRADECIMENTOS

Ao professor António Neves, pela partilha de conhecimentos e orientação desta dissertação;

Ao professor Serafim Files, pela ajuda no acesso à documentação necessária;

À engenheira Verónica Pinto, pela cedência de parte do arquivo fotográfico, da autoria do seu pai Eduardo Teixeira Pinto, presente neste trabalho;

Ao Rafael, à Filipa e, principalmente, à Joana, por tudo;

Agradeço em especial aos meus Pais e irmão, pelo apoio incondicional, incentivo e ajuda na superação dos obstáculos que surgiram ao longo deste percurso.

Obrigada.

NOTA PRÉVIA

A presente dissertação surgiu primeiramente da necessidade de reabilitação do Mercado Municipal de Amarante. No decorrer do processo da análise do caso do estudo foi possível perceber que a base da reabilitação não se centrava na obra de Januário Godinho mas, sim, na sua envolvente próxima e nos organismos que a compõem. Desta forma, o rumo da investigação e propósito da tese focou a relação da envolvente do Mercado Municipal de Amarante e a restante margem do Rio Tâmega.

No ano de publicação da presente tese, o arquiteto Eduardo Souto Moura, a convite da Câmara Municipal de Amarante, iniciará um projeto de reabilitação para o Mercado Municipal de Amarante¹, o que reiterou a mudança do alvo de estudo da presente tese.

¹ Informação recolhida através do Presidente da Câmara de Amarante, Dr. José Luís Gaspar.

RESUMO

A presente dissertação pretende incentivar uma reflexão sobre a intervenção no património, através de uma proposta de reabilitação, tendo como objeto de estudo o Mercado Municipal de Amarante e a relação com a sua cidade.

Leva-se a cabo, para tal, uma pesquisa documental e bibliográfica acerca da intervenção em património, sobre exemplos de intervenção no espaço público e sobre o contexto onde o Mercado se insere. O entendimento e a noção de como intervir em património é fundamental para a elaboração desta tese.

Procura-se, ainda, dissertar sobre o lugar de troca na sua essência e desenvolver uma síntese sobre a evolução da história do tema “Mercado”.

A metodologia que serve de base à investigação desenvolve-se pelo cruzamento de fontes bibliográficas e documentais específicas relativas às problemáticas da intervenção no património com um extensivo trabalho de campo que dotará o trabalho de um enquadramento teórico.

Propõe-se, assim, desenvolver uma proposta de reabilitação – ou regeneração - para o Mercado Municipal de Amarante, percebendo as influências patentes no seu qualificado desenho, da autoria de Januário Godinho, por forma a adaptá-lo a novas circunstâncias, mantendo viva a memória coletiva bem como a identidade deste património.

Nestes termos, a dissertação tem também o intuito de incentivar o interesse sobre o Mercado de Amarante, alertando para a realidade em que se encontra.

Palavras-Chave: Património, Mercado; Lugar de Troca; Praça; Arquitetura Moderna; Januário Godinho; Reabilitação; Espaço Público.

ABSTRACT

This dissertation seeks to promote a reflection about the intervention in the built heritage, through a rehabilitation proposal, whose object of study is the City Market of Amarante and its relationships with the city.

In order to achieve the previous purposes, it is required a documentary and bibliographic research about the intervention in the built heritage, about examples of intervention in the public space and about the context the Market belongs to. The understanding and the notion of how to take action in the built heritage is essential to the development of this thesis.

Furthermore, it is intended to cover the essence of the trading place and to develop an overview about the historical evolution of the topic "Market".

The methodology that provides the basis for the investigation is developed by the cross-checking of specific bibliographic and documentary sources concerning the built heritage intervention issues with a comprehensive fieldwork which will provide the theoretical framework to this project.

Therefore, it is proposed to develop a rehabilitation- or regeneration- proposal to Amarante City Market, understanding the influences present in its qualified design of Januário Godinho, so that it may be possible to adapt it to new circumstances by keeping the collective memory and its identity alive.

Thus, this dissertation seeks to arouse the public interest in Amarante City Market by calling attention to its current situation.

Key-Words: Patrimony, Market; Place of Exchange; Square; Modern Architecture; Januário Godinho; Rehabilitation; Public Space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. PATRIMÓNIO.....	19
1.1. O CONCEITO.....	21
1.2. TEORIAS DE INTERVENÇÃO EM PATRIMÓNIO.....	25
2. LUGAR DE TROCA.....	31
2.1. O LUGAR DE TROCA COMO CRIADOR DE INTERAÇÃO.....	33
3. MERCADO MUNICIPAL DE AMARANTE.....	39
3.1. TEMPO E HISTÓRIA.....	41
3.2. O MERCADO DE AMARANTE.....	45
3.3. JANUÁRIO GODINHO: PENSAMENTO E INFLUÊNCIAS.....	55
3.4. INTERVIR NO ESPAÇO PÚBLICO: EXEMPLOS.....	61
3.4.1. MERCADO DE OVAR.....	63
3.4.2. MERCADO DA VILA DA FEIRA.....	65
3.4.3. PRAÇA 8 DE MAIO.....	69
3.5. O MERCADO E A CIDADE DE AMARANTE.....	73
4. MEMÓRIA PARA O FUTURO.....	81
4.1. UMA NOVA PERSPETIVA.....	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99
REFERÊNCIAS DE IMAGENS.....	107

INTRODUÇÃO

“(...) manter o valor intrínseco que a cidade antiga tem, insistindo no desejo que o mundo que agora construímos possa manter vivos os atributos da realidade que entendemos como pertencentes ao passado. Pode ser que a cidade tenha deixado de ser proteção (geográfica), mercado (economia) ou cenário (cultura) em que se leva a cabo a luta pela vida (história), mas ainda é o lugar, ou assim o entendemos, em que se vive a “proximidade” e a presença dos outros; e isto é algo que nunca se poderá prescindir nem esquecer”¹.

Datado do início da segunda metade do século XX, o Mercado Municipal de Amarante surge da necessidade de definição de um espaço de feira e mercado, no centro dessa cidade, acabando por integrar uma nova centralidade urbana.

Desenhado pelo arquiteto Januário Godinho, o Mercado de Amarante caracteriza-se pela sua amarração à topografia e pela relação dos terraços com o meio, valorizando-se, assim, do ponto de vista espacial. A conceptualização do espaço e do lugar transcende a sua época.

Pretende-se, como ponto de partida para uma proposta de reabilitação, realizar uma reflexão acerca do processo de intervenção no património, por forma a desenvolver uma resposta aos problemas atuais, devolvendo-lhe a identidade e proporcionando novas apropriações e vivências.

Apesar da sua permeabilidade e diálogo com a cidade, o Mercado de Amarante tem vindo a perder importância ao longo do tempo. O surgimento de novas, e mais cómodas, superfícies comerciais levou a uma perda do valor do mercado enquanto espaço de contacto mais direto e pessoal que este programa possibilita. Ao mesmo tempo, a sua envolvente atribuiu-lhe uma conotação mais negativa, mais “fria”, pelas funções que oferece.

A escolha do tema da presente dissertação assenta, sobretudo, num interesse pessoal pela reabilitação, pelo facto desta temática ser pouco abordada ao longo do curso, e pelo objeto de estudo.

A metodologia que serve de base à investigação apoia-se no extensivo trabalho de campo fundamentado pela documentação teórica. É desenvolvido um aprofundado estudo sobre a história e conceção do Mercado de Amarante, ainda que a ausência

¹ Rafael Moneo. *Seis apuntes discontinuos sobre la ciudad*, in Revista Sileno Variaciones sobre arte y pensamiento, in SILVA, Maria Madalena Ferreira Pinto, *Forma e Circunstância, A praça na cidade portuguesa*, FAUP, Porto, 2009, p.55.

de informação sobre a obra seja significativa, que servirá mais tarde de suporte para o desenvolvimento de uma proposta de reabilitação.

Assim, o trabalho desenvolve-se em três capítulos principais. O primeiro - *Património* - assenta num carácter mais teórico onde se pretende perceber a evolução do conceito de património, desenvolvendo-se algumas reflexões através dos textos de Françoise Choay e Ignasi Solà-Morales. No mesmo capítulo, foram estudadas as teorias de intervenção no construído, desde autores como Viollet-le-Duc, John Ruskin, Camilo Boito, Alöis Reigl, e num contexto mais contemporâneo, através de Antón Capitel, Ignasi Solà-Morales e Alexandre Alves Costa.

Num segundo capítulo - *O Lugar de Troca* – entendeu-se necessário realizar uma reflexão acerca do significado do Lugar de Troca enquanto fomentador de interações e vivências. Realizou-se, ainda, um breve estudo sobre a história da tipologia do mercado, com base em autores como Carlos Martí, Nicolaus Pevsner, Pasquale Carbonara e Roberto Secchi.

No terceiro capítulo da dissertação – *Mercado Municipal de Amarante* – apresenta-se um enquadramento histórico do contexto em que se insere o Mercado de Amarante, bem como o seu processo de formação. No desenvolvimento deste trabalho, revelou-se determinante abordar o percurso arquitetónico de Januário Godinho, por forma a compreender as influências presentes na criação do Mercado. Por outro lado, interessou analisar um conjunto de três obras da mesma família do Mercado de Amarante ou de intervenção no espaço público, sendo elas o Mercado de Ovar do arquiteto Januário Godinho, o Mercado da Vila da Feira do arquiteto Fernando Távora e, ainda, a intervenção na Praça 8 de Maio também do arquiteto Fernando Távora. Por último, elaborou-se uma reflexão sobre o estado atual do Mercado e da sua envolvente e sobre as suas implicações no contexto geral da cidade de Amarante.

Num quarto capítulo - *Memória para o Futuro* – procura-se desenvolver uma resposta aos problemas enunciados no capítulo anterior, apoiada na análise e reconhecimento das debilidades da zona em causa, tentando ir de encontro a uma continuidade com a envolvente, sem renunciar à matriz inicial.

Finalmente, no último capítulo, desenvolvem-se algumas considerações sobre um conjunto de questões, levantadas ao longo desta investigação, relacionadas com o tema e sobre a abordagem proposta para uma intervenção no património.

1. PATRIMÓNIO

1.1. O CONCEITO

Pela sua abrangência e generalização, o termo património tem tomado vários significados e interpretações. De modo a entender, da melhor forma, o conceito no contexto atual, torna-se necessária a compreensão da evolução e variantes que este termo já assumiu ao longo do tempo.

Françoise Choay identifica e categoriza três revoluções culturais que informaram o conceito património, sendo elas o Renascimento, a Revolução Industrial e o que a autora denomina por “Revolução eletro-telemática”¹. No Renascimento, a importância do passado reflete-se pelo interesse pelas obras dos diversos campos artísticos gregos e romanos, pelas “antiguidades”. É através dos antiquários que o apreço por estas antiguidades ganha relevância e dá origem às coleções que se traduziram na primeira forma de catalogar e preservar o passado.

As mudanças visíveis a partir do século XIX nas cidades, em consequência da Revolução Industrial, contribuíram para um sentimento nostálgico, fazendo com que o termo património também se aplicasse aos “(...)bens nacionalizados, igrejas e da coroa”², contribuindo para uma uniformização cultural. Surgiu, ainda nesta época, o conceito de “monumento histórico” que incide sobre os grandes monumentos civis e religiosos.

Já no século XX, com a Carta de Atenas de 1931, é dada atenção à preservação do monumento bem como à sua envolvente. Com a devastação provocada sobretudo pela Segunda Guerra Mundial, a atenção recaiu sobre o património construído. Pela Carta de Veneza, de 1964, constata-se que “os povos tornam-se cada vez mais conscientes da unidade de valores humanos e consideram os monumentos antigos como património comum”³, expandindo a noção de “monumentos histórico” e passando este a abranger “(...) a criação arquitetónica isolada como o sítio rural ou urbano que testemunha uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico”⁴, isto é, monumentos, conjuntos e sítios.

Por último, a revolução “eletro-telemática” diz respeito ao avanço tecnológico e telecomunicações, provocando alterações no quotidiano, tendo até repercussões a nível mundial, uma vez que é neste período que surge o conceito de “Património da Humanidade”. Esta noção mudará a relação da sociedade com os seus monumentos, dado que “é no horizonte da mundialização, do seu impacto nas sociedades e da crise de

¹ CHOAY, Françoise, *Património e Mundialização*, 2ª Edição, Licorne/CHAIA, 2005.

² CHOAY, Françoise, *Património e Mundialização*, 2ª Edição, Licorne/CHAIA, 2005, p.19.

³ II CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITECTOS E TÉCNICOS DE MONUMENTOS HISTÓRICOS, Veneza, 1964 – Preâmbulo, Veneza: ICOMOS, p.1.

⁴ Idem.

*valores assim produzida que devemos interrogar a noção atual de património e decifrar o seu sentido”*⁵.

A Carta de Cracóvia, de 2000, aborda esta noção abrangente do conceito de património definindo-o como um *“conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a seleção de valores”*⁶.

Refletindo na relação do conceito de património, Choay identifica uma expansão a três níveis: cronológica, pois as obras mais recentes são também consideradas património, tirando esse privilégio às obras do passado; geográfico, tendo em conta que este tema passou de preocupação europeia a global; e, por fim, tipológica, na medida em que o termo património deixou de ser exclusivo de monumentos, notando-se um gradual crescimento do número de categorias patrimoniais, estendendo-se a monumentos e sítios, passando também a incluir-se na lista o vernacular, o industrial, a arqueologia, o imaterial, entre outras.

Apesar desta evolução, a classificação destes bens enquanto património, atuando como forma de salvaguarda e preservação, sofre de alguns pontos menos positivos, dado que atraem cada vez mais visitantes, uma vez que se encontram na lista do Património Mundial, provocando um aumento exponencial do seu “consumo”. Esta elevada procura resulta no que Solà-Morales define como “efeito parque temático”⁷, fazendo do monumento um objeto de consumo e alienação. É imperativo diminuir estes efeitos, enfatizando os valores do património através da sua história e garantir a sua preservação e manutenção contínua.

⁵ CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 22.

⁶ PRINCÍPIOS PARA A CONSERVAÇÃO E O RESTAURO DO PATRIMONIO CONSTRUÍDO, Cracóvia, 2000, p.5.

⁷ SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Património arquitetónico o parque temático*. In *PH : Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico* nº37. Sevilla: Consejería de Cultura Junta de Andalucía.

1.2. TEORIAS DE INTERVENÇÃO NO CONSTRUÍDO

*“A natureza afetiva do destino é essencial: não se trata de fazer verificar, de fornecer uma informação neutra, mas de excitar, pela emoção, uma memória viva. [...] A especificidade do monumento prende-se então, precisamente, com o seu modo de ação sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente. Mas, esse passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, diretamente contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar.”*⁸

A intervenção no construído é um tema que acompanhou quase sempre a história da arquitetura. Sempre existiu a necessidade de intervir pelas carências práticas dos edifícios, mas só a partir do século XIX é que se começaram a desenvolver princípios e teorias que dariam força a um corpo teórico mais coerente. Nas intervenções realizadas ao longo do tempo, de acordo com os princípios estilísticos da época, foi sempre possível identificar a matriz inicial da obra, bem como as permanências e as modificações.

O restauro arquitetónico é para Viollet-le-Duc (1814-1879) uma disciplina autónoma de projeção da nova arquitetura. A ação de restauro obrigava a seguir o estilo através de uma interpretação filológica e científica. Dava tanta importância ao conhecimento da história como ao conhecimento das estruturas, mostrando assim a importância da funcionalidade e da racionalidade construtiva numa obra. O autor define restauro com a seguinte afirmação: *“A palavra e o assunto são modernos. Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo num estado completo que pode não ter existido nunca num dado momento”*⁹. Viollet-le-Duc defende dois princípios: a necessidade de eliminar todas as adições posteriores para poder devolver ao monumento a sua unidade estilística original, e que a reconstrução de monumentos inacabados deve ser completada a partir de uma suposição de como teriam sido aquando da sua origem, propondo, assim, um “restauro estilístico”.

Opositor radical da teoria de “restauro em estilo” de Viollet-le-Duc, John Ruskin (1819-1900) refere-se ao restauro como *“(...) a mais total destruição que um edifício pode sofrer, uma destruição da qual não se salva nenhum vestígio, uma destruição*

⁸ CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*, Coleção Arte e Comunicação, Lisboa: Edições 70, 2010, p. 17.

⁹ VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauro*, Vol. 1, Coleção Artes e Ofícios. São Paulo: Ateliê, 2000, p.29.

acompanhada pela falsa descrição da coisa destruída”¹⁰. Afirma, portanto, que se os edifícios forem continuamente cuidados não necessitam ser restaurados. Pois para o autor restaurar seria “(...) *tão impossível quanto ressuscitar os mortos, restaurar qualquer coisa que já tenha sido grandiosa ou bela em arquitetura*”¹¹, não admitindo intervenção de restauro, nem sequer em casos de eminente ruína. Assim, para o autor, os edifícios não nos pertencem e, por isso, não temos o direito de os modificar pois eles pertencem a quem os construiu¹². Acreditando na arquitetura como reforço da memória¹³, Ruskin defende principalmente a preservação dos monumentos e que eles devem refletir a passagem do tempo, traduzindo a verdade e a autenticidade. Para Ruskin, restaurar significa, por isso, falsificar e destruir.

É tomando uma posição intermédia em relação aos autores previamente abordados que surge o pensamento teórico de Camilo Boito (1836-1914). Entre a necessidade de restaurar e a conservação, a sua teoria defende uma conciliação entre as ideias de Viollet-le-Duc e de Ruskin. Desenvolveu um princípio de conservação com base em modernas tecnologias construtivas aproveitando o avanço tecnológico, o qual se veio a designar por “restauro científico”. Apesar de concordar com Ruskin, Boito rejeita a sua *“visão fatalista relativa ao fim necessário dos edifícios”*¹⁴, contudo aceita uma ação restauradora mínima apenas e só quando a adição das partes novas seja indispensável para o conjunto do edifício. Estas adições devem, no entanto, ser facilmente legíveis como elementos modernos, evitando a falsificação. Para tal, estas alterações devem responder a oito pontos: *“diferença de estilo entre o novo e o velho; diferença de materiais de construção; supressão de linhas ou ornatos; exposição das velhas partes removidas, nas vizinhanças do monumento; incisão, em cada uma das partes renovadas ou de um sinal convencional; epigrafe descritiva gravada sobre o monumento; descrição e fotografia dos diversos períodos das obras, expostas no edifício ou em local próximo a ele, ou ainda em descrições e publicações; diferenciação”*¹⁵, prevenindo para os riscos de restauro segundo Viollet-le-Duc. Apesar de tudo, Boito refere que as adições devem ser desenvolvidas em harmonia com o preexistente, procurando manter a autenticidade das várias partes do edifício e a distinção das mesmas, estabelecendo a noção de “restauro moderno”.

¹⁰ RUSKIN, John. *A Lâmpada da Memória*. Coleção Artes e Ofícios. Ateliê Editorial, 2008, p.79.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*, Coleção Arte e Comunicação, Lisboa: Edições 70, 2010, p. 159.

¹³ RUSKIN, John. *A Lâmpada da Memória*. Coleção Artes e Ofícios. Ateliê Editorial, 2008, p.54.

¹⁴ CAPITEL, Antón. *Metamorfosis de Monumentos y Teorías de la Restauración*, Alianza Editorial, 2ª Edição, Madrid, 2009, p. 39.

¹⁵ Parte integrante do discurso de Camilo Boito no III Congresso de Arquitetos e Engenheiros Civis, em Roma e Milão no ano 1883, a respeito da reconstrução com o intuito de evitar o “falso histórico”. BOITO, Camilo. *Os Restauradores*. Coleção Artes e Ofícios, Ateliê Editorial, 2008, p.25.

Já no início do século XX, Alöis Reigl (1858-1905) propõe uma visão mais relativista e não imperativa em relação à intervenção no construído, defendendo que de caso para caso derivam atitudes e critérios distintos. Em *“O Culto Moderno dos Monumentos”*, Reigl define e categoriza os monumentos em dois tipos: monumentos intencionais, isto é, edifícios desenhados com o intuito de prevalecer na *“consciência das gerações seguintes feitos ou destinos humanos particulares”*¹⁶, e monumentos artísticos e históricos que, apesar de não terem sido reconhecidos como tal, seriam posteriormente reconhecidos com esse valor. Reigl divide ainda os valores dos monumentos em dois campos: os rememorativos, respeitantes aos valores do passado e que invocam à memória, podendo estes subdividir-se, por sua vez, em valor de antiguidade, valor histórico e valor de memória intencional; e os de contemporaneidade, alusivos à resposta das necessidades materiais (valor de uso) e espirituais (valor artístico), dividindo-se o último em valor de novidade e valor artístico relativo.

Ao longo do século XX, o debate contínuo sobre a intervenção no construído, protagonizado por Gustavo Giovannoni, Cesare Brandi, Ernesto N. Rogers, entre outros, proporcionou, no contexto atual, a admissão de um pensamento diversificado e de acordo com a particularidade de cada caso. Solà-Morales, a propósito da intervenção no construído e o tema da adição de elementos modernos no contexto urbano, defende que a relação entre a intervenção e a preexistência é *“um fenómeno que se altera de acordo com os valores culturais atribuídos simultaneamente ao sentido de arquitetura histórica e às intenções de uma nova intervenção”*¹⁷, afirmando que *“é um erro considerar-se que alguém pode estabelecer um doutrina permanente ou formular uma definição científica de intervenção arquitetónica”*¹⁸. Também Alexandre Alves Costa toma uma posição relativamente a esta problemática ao considerar que *“cada caso é um caso e que a teoria da intervenção nascerá de cada autor, como a obrigação ética de um rigoroso e exaustivo reconhecimento histórico e arqueológico do edifício a transformar”*¹⁹.

¹⁶ REIGL, Alöis. *O Culto Moderno dos Monumentos e outros Ensaíos Estéticos*. Coleção Artes e Comunicação, Lisboa, Edições 70, 2013, p.9.

¹⁷ SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Do Contraste à Analogia* in JA - Jornal Arquitectos, nº213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 2003, p.69.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ ALVES COSTA, Alexandre. *O Património Entre a Aposta Arriscada e a Confidência Nascida na Intimidade* in JA - Jornal Arquitectos, nº213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 2003, p.9 e 10.

2. O LUGAR DE TROCA

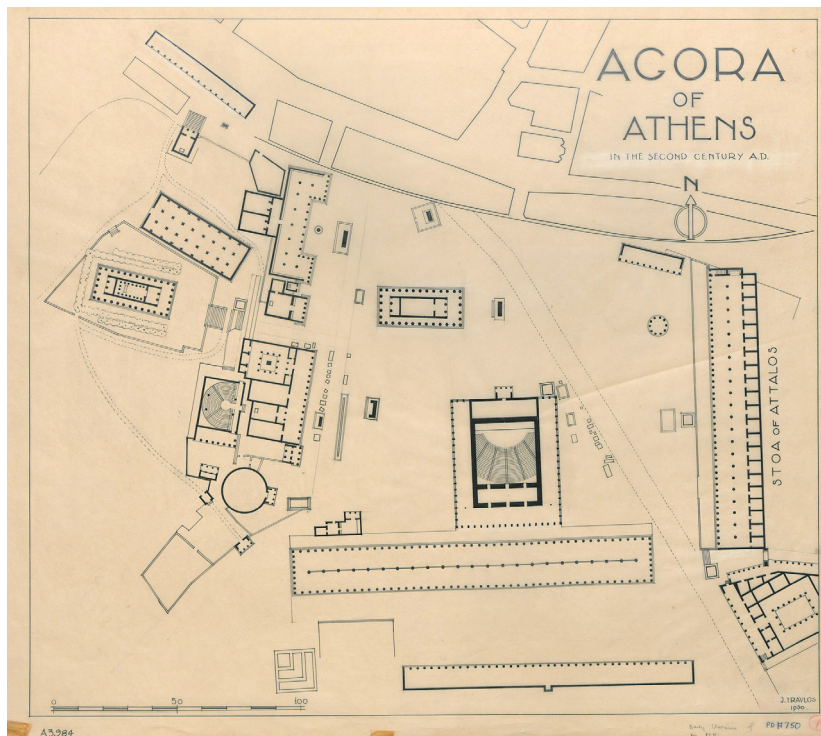


Fig 1. Planta da Ágora de Atenas, Século II

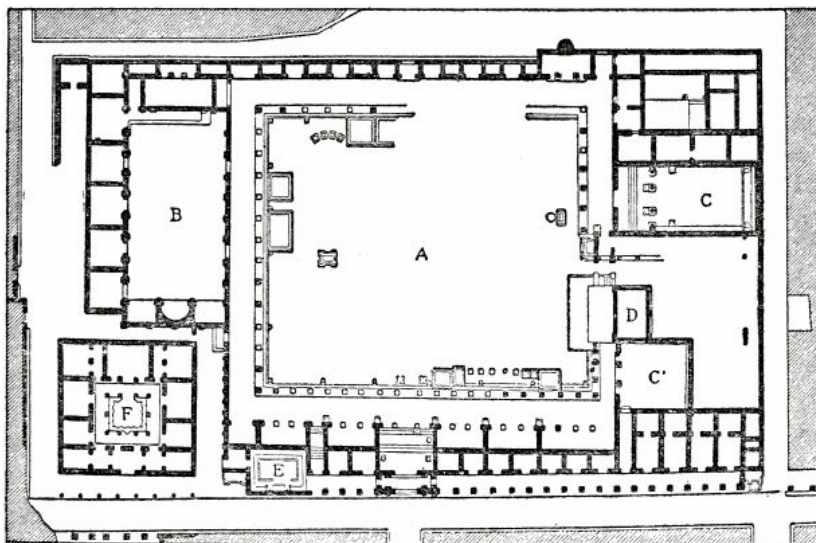


Fig 2. Planta do Fórum Romano de Timgad

2.1. O LUGAR DE TROCA COMO CRIADOR DE INTERAÇÃO

“Todo o tema de arquitetura corresponde a um elemento da forma da cidade, cada um tem uma função própria que está estritamente ligada à vida da coletividade, e é esta que o propõe de novo com base no conhecimento e memória do tema”.²⁰

A conjugação de determinados elementos singulares, bem como a sua relação com a malha urbana, perfazem o lugar, sendo que a organização do espaço do Mercado compreende as várias raízes antropológicas intrínsecas que possibilitam a sua regeneração. O que inicialmente se definia como um espaço elementar dominado pelo homem vai, progressivamente, estruturando-se e estabilizando-se através da formalização de atividades, resultando no lugar de troca, apoiado pelos objetos e elementos que definem o espaço.

O lugar de troca elementar nasce, portanto, da organização dos elementos construídos e da limiaridade de uma atividade cuja ritualização temporal aviva os lugares, definindo o ciclo de vida das comunidades.

Considera-se, por isso, que o lugar de troca se define como espaço aberto à atividade económica, mas também à comunicação, à permuta de vivências e ideologias. Um espaço fundamental para a estrutura da cidade que em muito se aproxima à noção de *praça*. Um espaço que ultrapassa a dimensão física, criado para dar lugar à sociabilização e ao manifesto cultural e político. Um lugar que contribui para a articulação entre o edificado, espaço público e território.

Foram vários os autores que estudaram o tema da praça mas importa sublinhar a análise da professora Madalena Silva²¹ que começa por fazer uma separação, a nível morfológico e estrutural, entre a praça aberta, relacionada com a *ágora* grega, e praça fechada, associada ao *fórum* romano. Estabelece, por conseguinte, outros grupos referenciais, fundamentados em campos estruturais distintos: praça de centro/praça de transição, que enfatizam a ideia de centro e que aludem à noção de porta; praça fachada/praça volume, que têm que ver com edifícios de exceção e que são elas próprias edificadas; e praça sequencial/praça isolada, que incorporam o sistema articulado de composição viária ou que são desenhados como elementos isolados da paisagem. Esta categorização contribui para a definição de três carateres de praça que, segundo a autora, são aplicadas às *“praças para a cidade contemporânea portuguesa –*

²⁰ MONESTIROLI, Antonio, *La arquitectura de la realidad*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1993, p.16.

²¹ SILVA, Maria Madalena Ferreira Pinto. *Forma e Circunstância, A praça na cidade portuguesa*. FAUP, Porto, 2009.



Fig 3. Dia de Mercado, Amarante, década de 1970



Fig 4. Dia de Mercado, Amarante

*a praça geográfica, a praça estrutural e a praça relacional”*²².

A praça - ou lugar de troca – surge na história da cidade como um espaço cívico, ao serviço da cidadania - das pessoas - concebido como lugar de estar, assumindo funções nas cerimónias civis e religiosas, mas que ultimamente se transforma em lugar de transição/atravessamento, devido, sobretudo, ao ritmo frenético do crescimento das cidades.

A praça deve ser considerada como lugar projetado, informado por diferentes fatores de caráter social e filosófico, um lugar com um sentido mais intimista e qualificador do espaço. Para tal qualificação, torna-se impreterível este campo pluridisciplinar, pois *“se é fatal a participação de todos os homens na organização do espaço, tal participação só conduzirá à harmonia na medida em que ela se transforme em colaboração e colaborar significa agir em comum, com uma mesma intenção, com um mesmo sonho”*²³.

A praça constitui, então, um modelo de espaço de particular interesse pela sua especificidade, diversidade, mas também pela forma como provoca sensações e emoções, classificando-se como imagem marcante das cidades em que se insere.

Abordar a tipologia torna-se necessário, neste estudo e ainda que sucintamente, como enquadramento do tema enquanto questão e problemática do projeto no campo da teorização arquitetónica.

Para Carlos Martí²⁴, o mercado surge como forma urbana e como espaço que equaciona a forma, utilidade e rito, estabelecendo esta tipologia, juntamente com os espaços religiosos, como um lugar de expressão de uma cultura. O autor refere-se ao mercado como exemplo para demonstrar como um tipo construído se torna reflexo e caracterizador do uso/função do edificado.

Já Pevsner enquadra-o na secção dos edifícios para trabalho organizado. Na *História das Tipologias Arquitectónicas*²⁵, Pevsner dedica um capítulo aos Mercados mas associa-os às estufas e edifícios de exposições. Posteriormente, faz nova abordagem à história dos Mercados com um capítulo sobre lojas, armazéns e grandes armazéns. Através destas incursões na História, Pevsner apresenta dois grupos de Mercado: um influenciado pelo mercado romano, com praça encerrada definida por edifício-recinto cobertos que se organizam em espaços aproximadamente retangulares, e outro

²² Idem, p. 217.

²³ TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1999, p.88.

²⁴ MARTÍ ARÍS, Carlos. *Las Variaciones de la Identidad – Ensayo sobre el Tipo en Arquitectura*, Ediciones Serbal, Barcelona, 1993, p.80.

²⁵ PEVSNER, Nicolaus. *História de las topologias arquitectónicas*. Biblioteca de Arquitectura. Editorial Gustavo Gili, 2ª Edição. Barcelona, 1980.



Fig 5. Interior do Mercado de Amarante

relacionado pelo mercado oriental que se funde com a cidade através de estruturas lineares de loggias cobertas ou de rua²⁶.

Carbonara²⁷ classifica os mercados como objeto edificado e integra-os na mesma categoria de exposição e feiras. Decorrentes da forma e uso/função, os mercados são para Carbonara um bom exemplo para se perceber, da melhor forma, a conjugação dos vários elementos que perfazem o projeto de arquitetura, isto é, as distribuições internas, a dimensão, a iluminação, entre outros.

Embora as observações sejam distintas, os autores chegam a classificações caracteristicamente semelhantes, salientando que o tema não é escasso, dando ênfase à relação com o comércio e o consumo.

A ligação entre as várias tipologias é igualmente abordada por Roberto Secchi²⁸ que conclui que o mercado resulta do ritual do evento e o que outrora não apresentava forma nem tipologia própria, nos séculos XIX e XX, o tipo ganha definição.

Apesar de ter surgido de um único propósito, a verdade é que o mercado abrange um vasto corpo de valências e ações. O ato de mercar, a troca de vivências, a interação com o outro, fazem do mercado um espaço fundamental, pois ele próprio faz cidade e constitui cidade.

²⁶ Idem.

²⁷ CARBONARA, Pasquale. *Architettura pratica*, Volume 4, Tomo secondo, Composizione degli edifici, Unione Tipografico-Editrice Torinese, Torino, 1954.

²⁸ SECCHI, Roberto. *L'architettura degli Spazi Commerciali*, Oficina Edizione, Roma, 1991.

3. MERCADO MUNICIPAL DE AMARANTE



Fig 6. Planta do Antepiano de Urbanização de Amarante, 1950

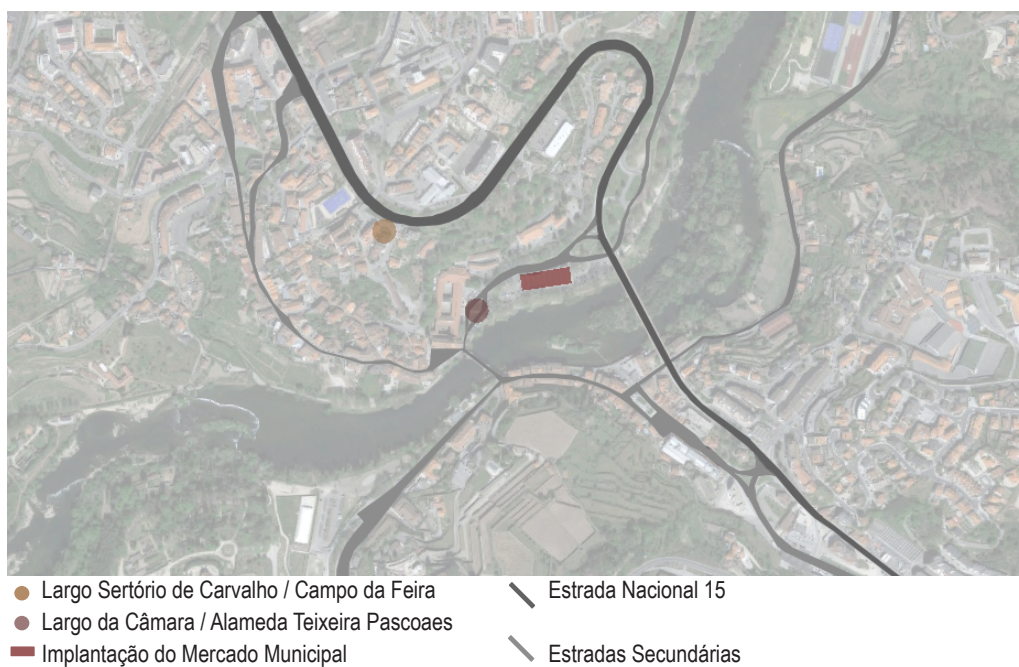


Fig 7. Localização antiga da feira e implantação do Mercado Municipal de Amarante

3.1. TEMPO E HISTÓRIA

A necessidade de integrar um lugar de troca central na cidade de Amarante, através da construção de um mercado, resulta da elaboração do Antepiano de Urbanização de Amarante.

Entre muitas outras localidades portuguesas, maioritariamente rurais e com baixo desenvolvimento, Amarante foi submetida a uma redefinição com base na criação - ou reformulação - de equipamentos públicos, na criação de novas estruturas viárias e na redefinição dos centros cívicos. Esta estratégia provinha de Planos de Urbanização que foram lançados pela Direção Geral dos Serviços de Urbanização, sobre a chefia de Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas e Comunicações do Estado Novo.

Além da execução deste programa, Amarante saiu ainda mais beneficiada em função da sua localização – situada entre o Marão e o Litoral - e por ela mesma ser, à data, local de passagem para o Minho e Trás-os-Montes.²⁹

Ficou estipulado no Antepiano de Urbanização para Amarante, datado de 1950 e assinado pelo arquiteto Januário Godinho, que a implantação do mercado ficaria situada na margem do rio Tâmega³⁰, próximo do centro urbano, adjacente ao, então, Largo da Câmara, hoje denominado Alameda Teixeira Pascoaes. A localização da feira já tinha sido transferida para a margem do Tâmega pois o Largo Sertório de Carvalho³¹, também conhecido como Campo da Feira, tornava-se demasiado pequeno para albergar toda a logística que a feira comportava.

A área destinada à construção do novo mercado, com cerca de 4500 m², seria dividida em patamares devido, especialmente, ao problema de grandes cheias que esta zona apresenta, embora de rara ocorrência, como afirmou Januário Godinho neste documento: *“Este aparente inconveniente não deve merecer especial cuidado, porque se trata de cheias raras e além disso a zona inundável destina-se mais a um mercado ao ar livre, tipo feira. Para mercado normal, diário, basta a parte do tabuleiro superior, já fora de possíveis inundações”*³².

Com este plano, é dado ênfase à paisagem, à relação visual e à valorização

²⁹ Apud Januário Godinho, *Bases para o estudo do plano de urbanização de Amarante*, CDUA, JG-444, In TAVARES, André, *Duas Obras de Januário Godinho em Ovar*, Equações de Arquitectura, Dafne Editora, Porto, 2012, p.170.

³⁰ “O plano de urbanização trata no conjunto todo o território, porém, concentra toda a atenção no desenvolvimento do núcleo central, São Gonçalo, deixando as outras zonas em regime mais de harmonia com o seu carácter vincadamente agrícola.” *Antepiano de Urbanização de Amarante*, Januário Godinho, 1950, Plataforma digital DGOTDU, SNIT, Arquivo Histórico, p. 31.

³¹ Antiga localização da feira. *Antepiano de Urbanização de Amarante*, Januário Godinho, 1950, Plataforma digital DGOTDU, SNIT, Arquivo Histórico, p. 22.

³² *Antepiano de Urbanização de Amarante*, Januário Godinho, 1950, Plataforma digital DGOTDU, SNIT, Arquivo Histórico, p. 72.



Fig 8. Feira em frente à igreja de São Gonçalo, Amarante



Fig 9. Campo da Feira, Amarante

do território para o turismo. Para tal, importa identificar a ponte e estrada nacional como protagonistas dessa estratégia que Januário Godinho reconhece como valores essenciais do lugar.

Partindo de uma iniciativa de Câmara Municipal de Amarante, são abertas as propostas referentes ao concurso para a construção de um mercado municipal para a cidade. Este novo edifício daria apoio à feira que se realizava em frente à igreja de S. Gonçalo³³.

³³ *II Congresso Histórico de Amarante: actas/ Congresso histórico*, Vol.2, Amarante, Câmara Municipal, 2009, p.21.



Fig. 10. Mercado Municipal de Amarante em fase de construção, início da década de 1960

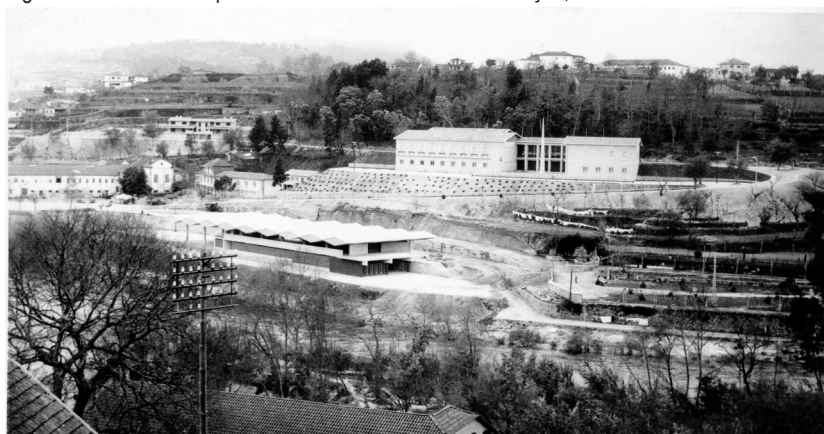


Fig. 11. Fase final da construção do Mercado Municipal de Amarante, 1963



Fig.12. Inauguração do Mercado Municipal de Amarante com a presença do Ministro Arantes de Oliveira, Maio de 1964

3.2. O MERCADO DE AMARANTE

O Mercado Municipal de Amarante³⁴, obra de 1963 do arquiteto Januário Godinho, apresenta-se como um edifício que resulta de um misto de aberto e fechado que se encastra no terreno, moldando-se através de plataformas comunicantes.

O projeto apresentado por Januário Godinho excedia as pretensões das entidades superiores (Direção de Urbanização do Porto e Câmara Municipal de Amarante)³⁵. Por isso, o autor do projeto juntamente com as entidades da Câmara Municipal chegaram a um acordo quanto às reduções a fazer, não prejudicando a eficácia da obra nem a estrutura do edifício e ficando para um segundo aditamento os pormenores postos em causa. Cumprindo todos os parâmetros estipulados, é iniciada a 26 de Abril de 1960 a construção do Mercado Municipal de Amarante³⁶. Ainda no mesmo ano, a 11 de Outubro, a segunda fase de obra é encetada³⁷.

O Mercado é implantado a uma cota inferior à estrada principal que o ladeia, facilitando a perceção do volume.

A permeabilidade do edifício permite vários acessos ao interior, a cotas diferentes. Já no interior, deparamo-nos com um espaço amplo dividido em várias zonas, a diversas cotas, cuja ligação é estabelecida por escadas.

Um volume correspondente a uma loja, hoje ocupado por um café, serve de marcação para a entrada do lado Nascente. Nesta mesma cota, estão situadas as bancas de venda do peixe. Numa cota pouco superior a esta, situa-se uma plataforma onde, através de uma modulação (no chão, por um pequeno degrau de 3cm), se definem os espaços de venda e, consequentemente, os espaços de circulação.

Entretanto, encontramos as, já referidas, escadas, do lado Norte, que nos levam às restantes plataformas, enquanto que do lado Sul, acedemos a um vão para o exterior que funciona para cargas e descargas.

Na cota mais alta, e ainda dentro do edifício, existe uma mezzanine desenhada para espaço de comércio, também modulada.

Do lado Poente, a plataforma estende-se para o exterior, possibilitando a ampliação da área de mercado. O mesmo acontece para Sul onde o acesso é feito

³⁴ Consultar desenhos do projeto na página 51.

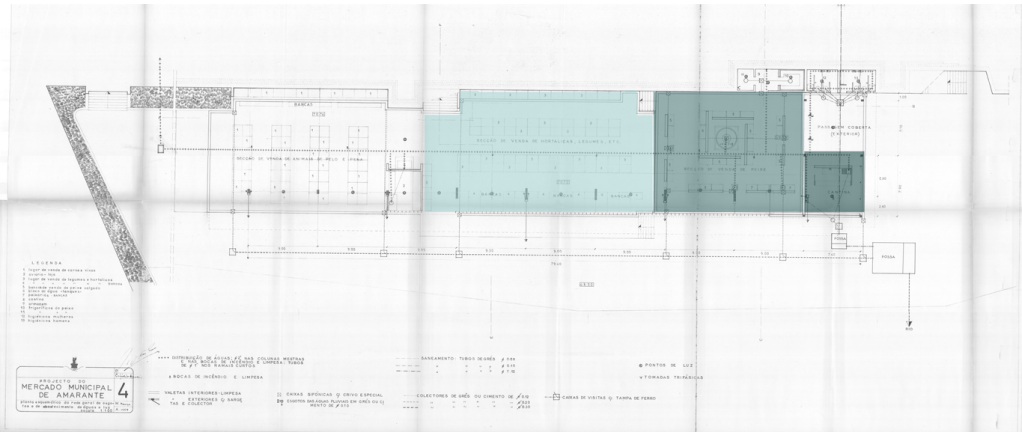
³⁵ ACMA - Livros de Atas da Câmara Municipal de Amarante, 1958/1961, Livro 354.

³⁶ Idem.

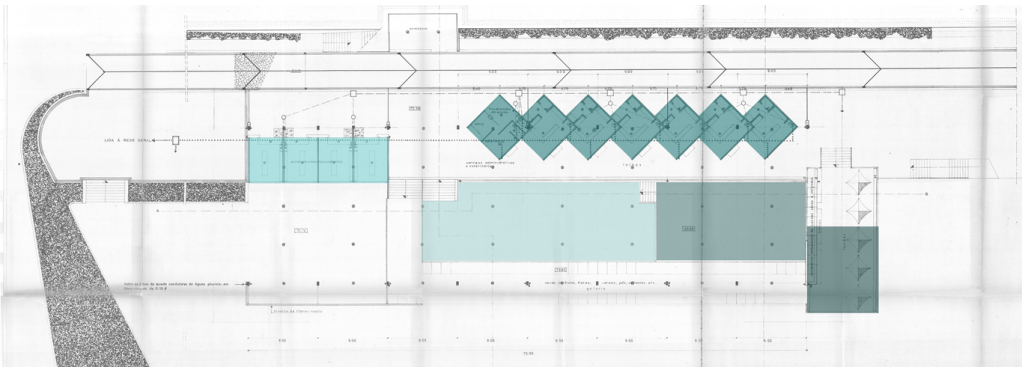
³⁷ O projeto custou, à data, 2184 contos e o terreno 270 contos. ACMA - Livros de Atas da Câmara Municipal de Amarante, 1958/1961, Livro 354.



Fig. 13. Implantação do Mercado Municipal de Amarante



Piso -1



Piso Térreo

- | | |
|------------------------------|-------|
| Comércio | Peixe |
| Hortaliças, legumes e flores | Café |
| Talho | |

Fig 14. Zonas de venda do Mercado Municipal de Amarante

através de uma rampa para uma cota inferior.

Estas ampliações possibilitam não só a expansão do espaço do mercado, mas a criação de espaços de várias naturezas que incitam o lazer e o convívio.

Na entrada principal, do lado Norte, existem algumas lojas que convidam a entrar para o espaço de mercado.

Destaca-se, assim, uma diversidade de espaços. Espaços “exteriores” que prolongam o edifício, espaços de acesso, espaços de uso e circulação. Espaços que se imbricam criando uma continuidade e que pelo recorte preciso de vãos, enfatizam a natureza e paisagem que rodeia o edifício.

Januário Godinho aplica na sua obra os favos hexagonais, influenciado pela arquitetura brasileira³⁸, no alçado Sul e explora uma conjugação de materiais tradicionais e modernos, como o granito e o betão.

Observando o conjunto, é de notar como a cobertura, embora apoiada por fortes pilares, parece não tocar o edifício. Contrapõe-se a ideia de “caixa” já que não se sente, em nenhum momento, um corte na fluidez dos espaços, mas sim uma sensação de continuidade.

O Mercado transmite fortemente a ideia de modernidade sobretudo pelos materiais utilizados. Embora tenha feito experiências em projetos anteriores - como fez no Mercado de Ovar -, é aqui que leva as possibilidades da materialidade a outro nível. Os aspetos culturais são evidenciados no Mercado e a partir destes faz arquitetura e cidade.

A obra insere-se no território acaba por assumir um papel determinante na nova centralidade urbana³⁹.

O Mercado acaba por se definir, ao longo do tempo, através de um sistema arruado que lentamente se diluiu por entre os elementos de espaço verde.

Através da topografia do terreno e paisagem idílica, é possível perceber as razões que levaram o arquiteto a destinar esta zona para a implantação do Mercado. O edifício cria forte relação com a envolvente, dando-lhe continuidade e comunicação com a margem sul do rio.

Januário Godinho expressa a necessidade de uma pequena cidade que se queria mais funcional e moderna, introduzindo uma nova atitude projetual no tecido pré-existente. No Mercado, desenvolve a sua própria ideia de tradição onde o objetivo passaria por elevá-lo ao patamar de forma de arte.

³⁸ TAVARES, André, *Duas Obras de Januário Godinho em Ovar*. Porto, Faup, 2012, página 121.

³⁹ Apesar de não constar na lista de edifícios com diferentes programas e funções pretendidos que o novo plano apresenta, é referida a necessidade de uma área que se destine às feiras tradicionais. *Anteplano de Urbanização de Amarante*, Januário Godinho, 1950, Plataforma digital DGOTDU, SNIT, Arquivo Histórico, p. 70 a 74.

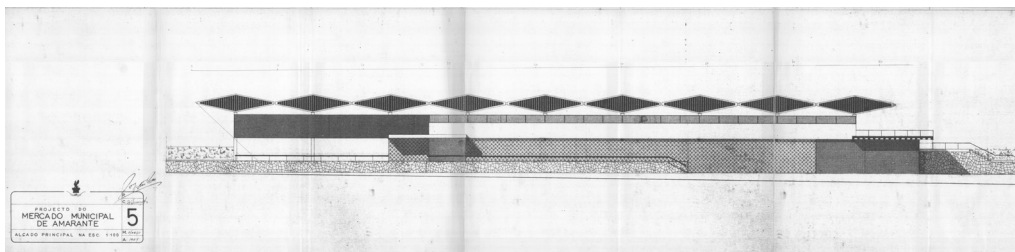


Fig. 15. Alçado Principal, Mercado Municipal de Amarante

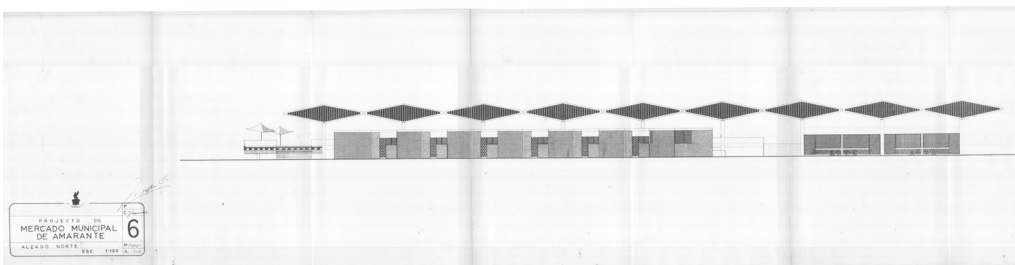


Fig. 16. Alçado Norte, Mercado Municipal de Amarante



Fig. 17. Pormenor da estrutura, Mercado Municipal de Amarante



Fig. 18. Pormenor dos favos hexagonais, Mercado Municipal de Amarante

Não se pode descurar o contraste dos volumes, o caráter dinamizador e comunicante dos pavilhões e uma sensibilidade que o aproxima, mais uma vez, à arquitetura de Frank Lloyd Wright. Deu importância à plasticidade dos vários espaços e, com ela, exaltou a relevância do espaço arquitetônico. Explorou os métodos construtivos e estruturais e com um jogo da cor e da luz, como recursos expressivos, sublinhou a importância dos valores simbólicos.

Januário Godinho demonstra em todo o seu espólio arquitetônico, uma diversidade de abordagens inteligentes que responderam às exigências e complexidade dos desafios apresentados. Para ele, o mercado deve ser uma referência, um espaço que se integra na cidade, fazendo parte dela, permitindo a sua dinamização e transformação.

Com o Mercado Municipal de Amarante, o arquiteto instala a noção da arquitetura como resolução de problemas e, ao mesmo tempo, de inovação.



Fig. 19. Zona de venda de Peixe, Mercado Municipal de Amarante



Fig. 20. Zona de venda de fruta e hortaliças, Mercado Municipal de Amarante



Fig. 21. Pormenor do degrau da modulação



Fig. 22. Entrada Nascente, Mercado Municipal de Amarante



Fig. 23. Zona da Mezannine, Mercado Municipal de Amarante



Fig. 24. Vista panorâmica do interior, Mercado Municipal de Amarante



Fig. 25. Fotografia do interior, Mercado Municipal de Amarante

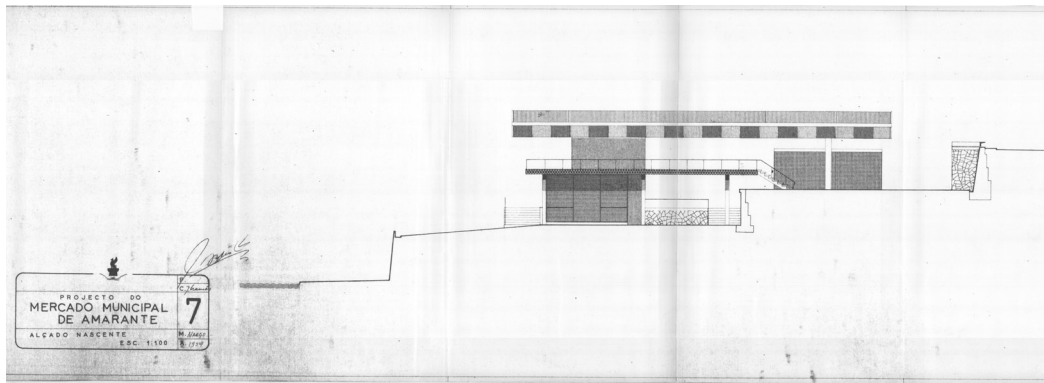


Fig. 26. Alçado Nascente, Mercado Municipal de Amarante

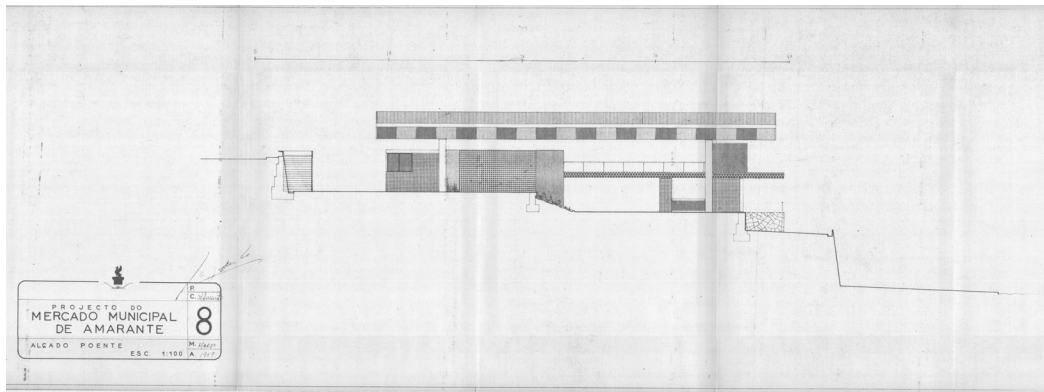


Fig. 27. Alçado Poente, Mercado Municipal de Amarante

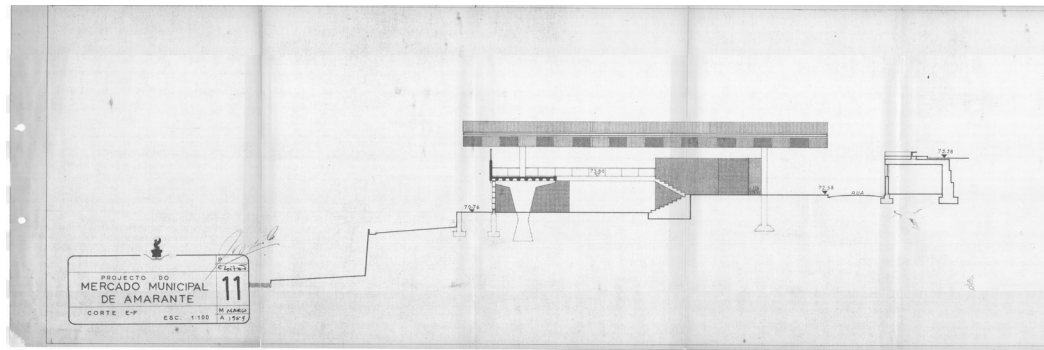


Fig. 28. Corte pelas escadas centrais, Mercado Municipal de Amarante

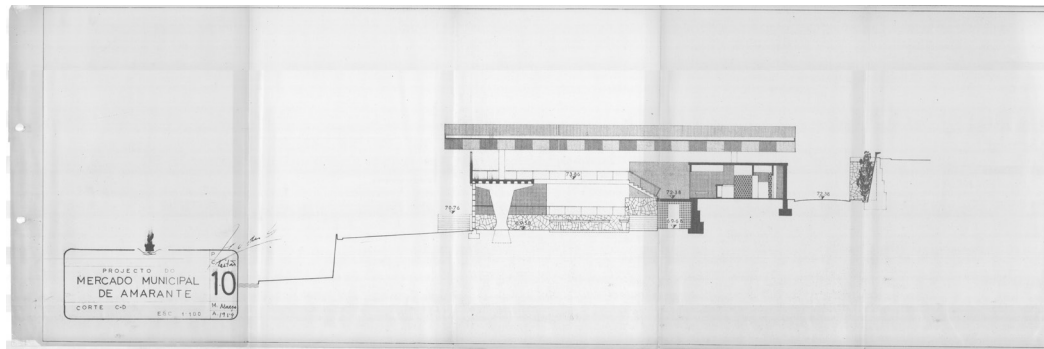


Fig. 29. Corte pelas bancas do peixe, Mercado Municipal de Amarante

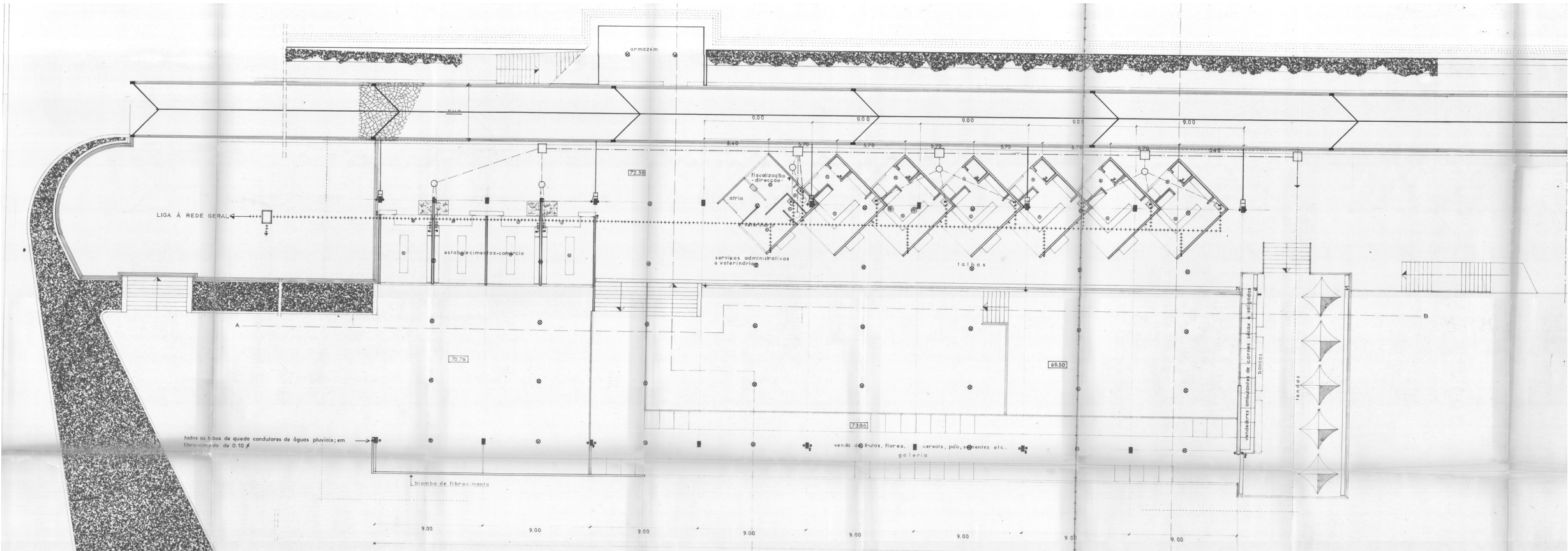


Fig. 30. Planta do Piso Térreo do Mercado Municipal de Amarante

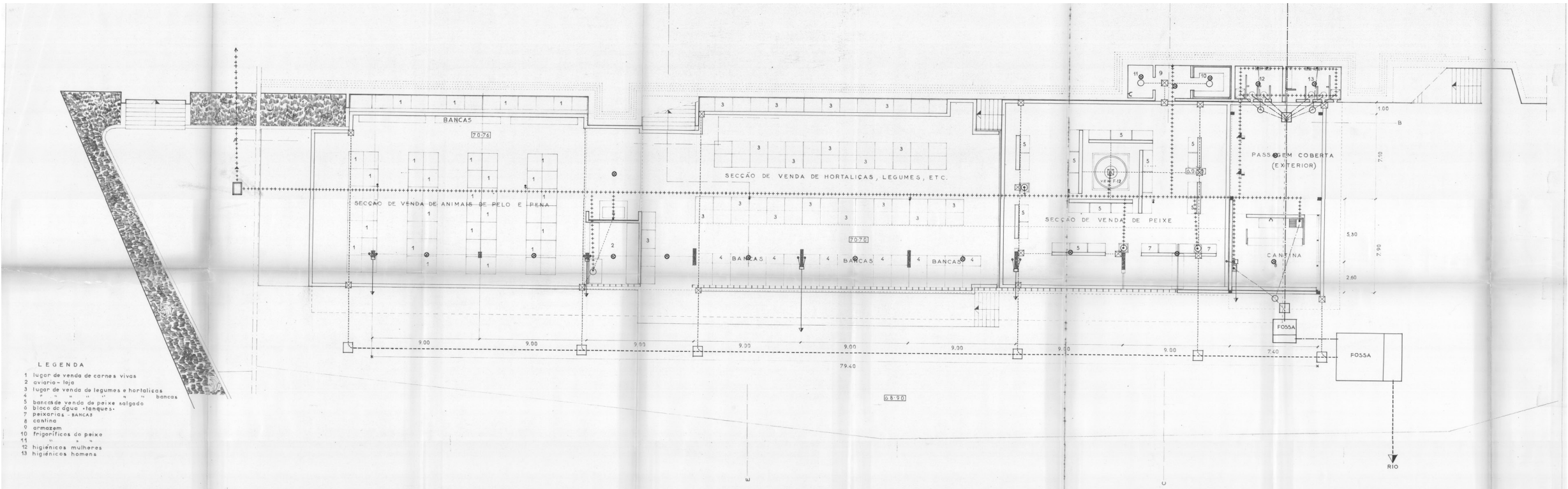


Fig. 31. Planta do Piso Inferior do Mercado Municipal de Amarante



Fig. 32. Januário Godinho (ao centro de camisa às bolas) como Grupo + Além, alunos da Escola de Belas Artes, Salão Silva Porto, Novembro de 1929

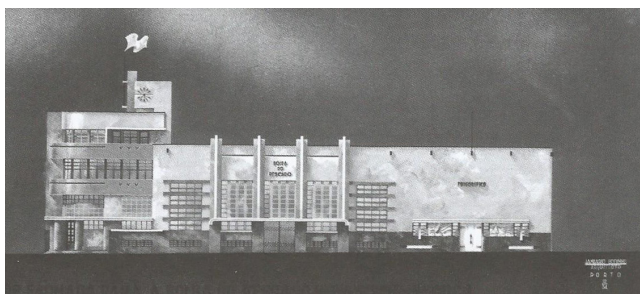


Fig. 33. Alçada da Lota de Massarelos

3.3. JANUÁRIO GODINHO: PENSAMENTO E INFLUÊNCIAS

*“Quem se cruzava com ele jamais o esquecia. Era uma Personalidade e também um Personagem. Uma Pessoa de Exceção pois a sua Personalidade impunha-se. Uma espécie de dignidade majestosa. Um ar de grande Senhor. Uma faculdade um pouco insólita que impunha o respeito”.*⁴⁰

Januário Godinho (1910-1990) nasceu em Santa Maria de Válega, em Ovar. Exerceu a sua atividade profissional no Porto e contactou com várias figuras da cultura arquitetónica portuguesa, entre elas Rogério Azevedo.

Projetou obras em todo o país, inseridas tanto em contexto urbano como rural, tendo sido o seu percurso influenciado pelos vários períodos da História da Arquitetura Portuguesa e Internacional. Autores como André Tavares⁴¹ e Sérgio Fernandez⁴² referem que as viagens à Holanda podem ter sido relevantes em alguns aspetos da sua arquitetura. A nível programático, o seu espólio é diversificado, tendo projetado termas, pousadas, edifícios industriais, hotéis, edifícios de habitação unifamiliar e plurifamiliar, mercados, Palácios da Justiça, Paços do Concelho, para além de ter desenvolvido planos urbanos para várias localidades.

Com dezanove anos, Januário Godinho integrou o grupo + Além⁴³. Este grupo, formado dentro da Escola de Belas Artes do Porto, nasceu com um objetivo irreverente face às atitudes arquitetónicas praticadas na época. A favor dos princípios arquitetónicos expressos por Mies van der Rohe no Pavilhão de Barcelona (1929) e por Le Corbusier na Vila Savoye (1928), +Além respondia com uma posição progressista apoiada num sentimento inovador e dadaísta.

É neste ambiente vanguardista que Godinho projeta a sua primeira obra pública: a Lota de Massarelos no Porto (1934), na qual o arquiteto *“não se limita a colocar problemas práticos e técnicos mas que procura sobretudo, na utilização do betão armado, obter uma forma plástica unitária”*⁴⁴. Estão presentes na Lota de Massarelos influências da Art Dèco e neoplasticismo holandês.

Embora a sua primeira obra tenha tido um forte impacto, sendo *“considerada uma*

⁴⁰ BOTELHO, Manuel. RA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano I, Nº 0, Outubro de 1987.

⁴¹ TAVARES, André, *Duas Obras de Januário Godinho em Ovar*. Porto, Faup, 2012, página 47.

⁴² Fernandez, Sérgio. *Januário Godinho – Profissional controverso* in *Januário Godinho: Leituras do Movimento Moderno*, Porto: Centro de estudos Arnaldo Araújo, 2012, p.48.

⁴³ SALES, Fátima. *Januário Godinho: a arquitectura como síntese: diálogo entre tradição e modernidade* in *Revista Arquitetura Lusíada*, nº6, 2014, p. 33.

⁴⁴ Idem.

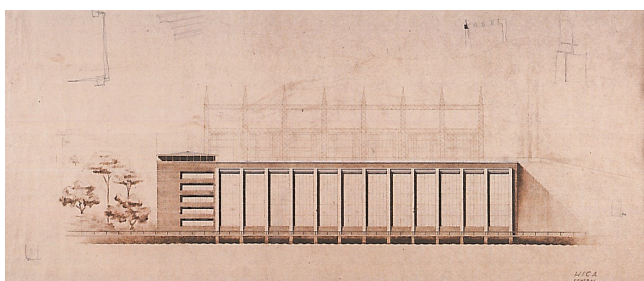


Fig. 34. Alçado da Central Hidroelétrica de Vila Nova



Fig. 35. Palácio da Justiça de Amarante

das mais emblemáticas obras do modernismo português”⁴⁵, é certo que são os projetos que realizou para a sociedade Hidro-eléctrica do Cávado (1946-1958) que expressam a sua capacidade de controlar a grande escala do território dando igual importância ao pormenor. No projeto do edifício da central de Vila Nova (1948) revêem-se os cinco princípios da arquitetura de Le Corbusier tal como uma interação plástica entre o edifício e a natureza.

Pelas obras que desenhou entre os anos quarenta e cinquenta, o arquiteto demonstrou ser capaz de responder às diferentes vertentes da arquitetura moderna conforme os diferentes contextos⁴⁶.

Quando assumiu os projetos de vários Palácios da Justiça, Godinho procurou, quase sempre, conjugar o aspeto formal dos modernistas com o desenvolvimento de uma prática de inserção das obras no sítio, no ambiente e na paisagem.

Para reinventar o programa oficial, rígido, restrito e representativo da imagem do Estado Novo, o arquiteto contribuiu para a criação de uma outra importante abordagem da arquitetura portuguesa, uma monumentalidade com atitude moderna.

Nos Palácios da Justiça que construiu, Januário Godinho parece ultrapassar a noção de autoritarismo tão presente nos modelos tradicionais. A sua abordagem assenta na qualidade da excelente relação que estes edifícios estabelecem com o espaço envolvente, reflexo da perícia ou grande experiência do autor na planificação da paisagem urbana.

No Palácio da Justiça de Amarante (1960), dois corpos articulam-se e criam espaços exteriores. O espaço vazio é a transição natural entre o interior do edifício e o meio que o rodeia. Por isso, os motivos que levaram à conceção dos momentos exteriores encontram-se na própria arquitetura. Godinho dá ênfase a um centro de interesse visual por meio de recursos morfológicos e compositivos. O que se destaca nesta obra é o papel da topografia como influência do desenvolvimento do edifício, aspeto presente nas várias obras do arquiteto.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ “Nessa mesma visita à obra de Famalicão, Januário Godinho explicou, ao então jovem crítico, a sua própria estratégia profissional e que, em palavras suas, se resumia em “obras da mão esquerda e da mão direita”, conforme os graus de limitação contextual decorrentes dos programas e da expressão arquitectónica. Assim, a Câmara de Famalicão estava no primeiro grupo (como os Palácios da Justiça), e as Pousadas das Hidroeléctricas no segundo. E a Casa, objecto da visita? Essa, apesar dos adereços, seria, sem dúvida, do primeiro. A sua interpretação das diferenças não estava tanto no “visual” moderno e não-moderno, mas no grau de interpretação pessoal dos programas, e na convencionalidade do significado dos espaços internos e exteriores. E esclarecia-me que a competência construtiva e o respeito pelas expectativas do cliente, público ou privado, estavam à partida à frente da ortodoxia da linguagem visual que se viesse a adoptar. Recorrendo muito esquematicamente ao triângulo vitruviano, diria que a diferença entre as duas mãos não estava nos vértices “firmatas” e “utilitas”, mas sobretudo no vértice “venustas” – mais retórico ou convencional numa das mãos, mais livre ou inovador da linguagem espacial e figurativa..., ou simplesmente decorativa. Aliás a sua geração e as anteriores deixaram esse legado de ambiguidade e polissemismo”. PORTAS, Nuno. *As Duas Mãos de Januário Godinho. Um Testemunho* in *Januário Godinho: Leituras do Movimento Moderno*, Porto: Centro de estudos Amaldo Araújo, 2012, p.71.

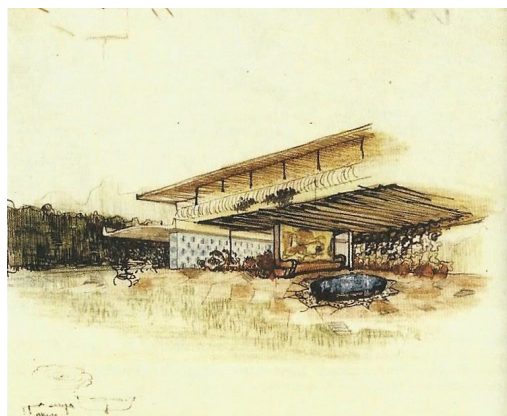
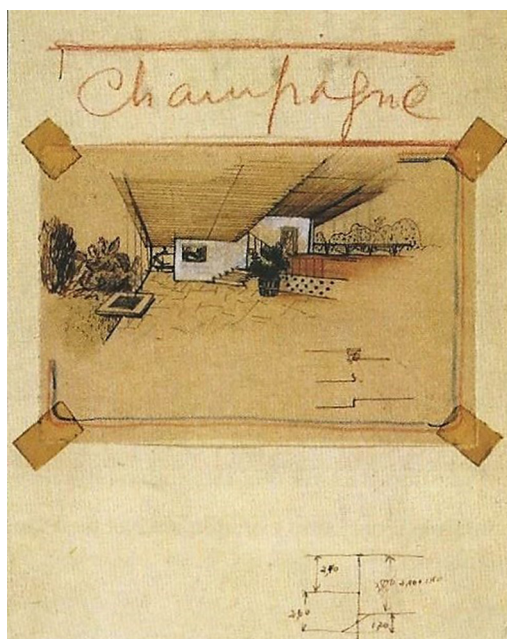


Fig. 36 e 37. Desenhos de Januário Godinho "para casa própria"

Januário Godinho procurou autenticidade na arquitetura. Distanciou-se do pensamento racionalista europeu e foi de encontro a uma arquitetura mais sensorial, mais humana. Afastou-se da intelectualização e da abstração e relacionou a sua arquitetura mais com as pessoas que a vivem. Percebe-se a fusão entre o vernacular e o moderno, onde a funcionalidade é colocada, sempre, em primeiro plano.

O arquiteto assume ter sido fortemente influenciado por Frank Lloyd Wright, facto perceptível nos seus desenhos. A sua admiração pelo arquiteto americano é demonstrada na conferência do Sindicato Nacional dos Arquitetos em Lisboa, em que participa em 1960, aquando da morte de Frank Lloyd Wright. Para Godinho, Wright é o *“maior e o mais completo arquiteto do nosso tempo quer pela natureza das suas teorias como pela conceção, força e variedade das obras realizadas”*⁴⁷.

Godinho tentou criar espaços confortáveis por forma a responder às necessidades psicológicas do Homem. As suas obras, tal como as de Wright, resultam da natureza, vivas, de geração espontânea, inesperadas e, por isso, elas ganham força. Januário Godinho revelou assim perceber exatamente o sentido desta vitalidade que se traduz nas qualidades da sua arquitetura.

*“Januário Godinho (...) fala de articulação, relacionamento e hierarquia de espaços entre si em relação ao exterior, revelando com esta preocupação, que antecede opções de linguagem e escolha de materiais, um profundo conhecimento da essência da arquitetura.”*⁴⁸

⁴⁷ GODINHO, Januário, 1959. *Frank Lloyd Wright*, in Revista Arquitectura, 3ª série, nº67, Lisboa, Abril de 1960.

⁴⁸ BOTELHO, Manuel. *Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética*, in RA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano I, Nº 0, Outubro de 1987.

3.4. INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: EXEMPLOS

Tendo este trabalho como objeto de estudo o Mercado Municipal de Amarante e a sua relação com a sua cidade, considerou-se relevante analisar algumas intervenções da Arquitetura Contemporânea, sendo duas delas pertencentes à mesma tipologia do Mercado e sendo a terceira uma intervenção urbanística.

Os dois primeiros casos de estudo são o Mercado de Ovar, do arquiteto Januário Godinho, e a construção do Mercado da Vila da Feira, do arquiteto Fernando Távora. A escolha destes Mercados assenta principalmente nos seus princípios de composição espacial e, consequentemente, na qualidade dos espaços que proporcionam. Ambas as obras são importantes neste estudo pois, através da composição de volumes que se articulam, criam espaços que se elevam a praças nas zonas onde se inserem. Apesar da tipologia a que estes estão associados, conseguem comunicar com a cidade e prolongá-la através deles. Januário Godinho e Fernando Távora desenham os Mercados como um espaço público contínuo.

Num outro contexto, o terceiro caso de estudo, a Praça 8 de Maio do arquiteto Fernando Távora, pretende demonstrar as diversas situações possíveis para a articulação de um mesmo espaço. Este caso demonstra a eficaz resolução dos problemas pré-existentes e a reabilitação de um espaço que, apesar da sua importância, não correspondia às funções pré-estabelecidas. A Praça 8 de Maio ganha atenção neste trabalho pela sua vertente regeneradora da baixa de Coimbra. Embora se trate de um eixo central da formação da cidade, a qualidade dos vários espaços projetados por Fernando Távora funcionam como um “manual” de como operar num espaço central e amplo. Outro motivo a ter em conta nesta intervenção foi o cuidado do arquiteto no tratamento das ligações das diferentes cotas da praça, problema presente na Alameda Teixeira Pascoaes na sua ligação com o Mercado de Amarante.

Todos exemplos se tornam relevantes pelos temas que abordam e pelas relações que estabelecem com a envolvente.

Os parâmetros de análise das três obras incidiram na implantação das mesmas, na sua relação com a envolvente e a diversidade de espaços que proporcionam.

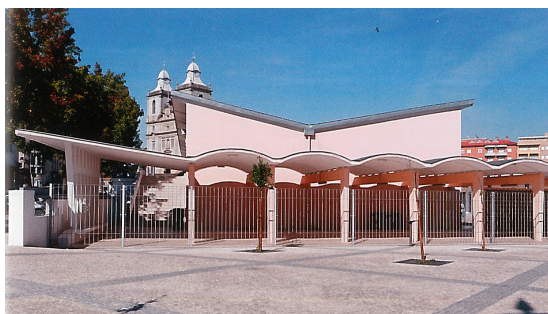


Fig. 38 e 39. Mercado de Ovar

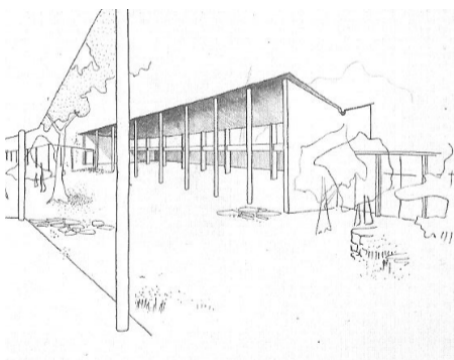


Fig. 40 e 41. Perspetivas interiores, Mercado de Ovar

3.4.1. MERCADO DE OVAR

O Mercado de Ovar (1948/1955) surge como uma novidade comparativamente aos modelos que se desenhavam na altura, mas que na realidade é uma solução do passado. Nele é possível identificar-se a noção de mercado aberto, tal como em Amarante.

A construção de Ovar transmite uma forte ideia de pavilhão. A economia de meios associada ao sentido de realidade são traduzidos pelas diversas estruturas cobertas em lajes de betão em forma de “borboleta” que permitem, através da caleira central, a construção da parede que integra as canalizações possibilitando a instalação, a toda a extensão, das bancadas do mercado.

O programa do mercado é setorizado em quatro pavilhões, divididos conforme a funcionalidade (hortaliças, carne, peixe e fruta) e dispostos por entre as árvores num parque, proporcionando, desta forma, o diálogo direto com os elementos naturais e a extensão das atividades do mercado para o exterior.

Assiste-se, portanto, a uma forte ligação entre arquitetura e natureza. Os pilotis de extrema elegância pela secção redonda reduzida e as paredes separadoras construídas com favos hexagonais em betão, tal como a cobertura em “borboleta”, assumem-se como opções marcadamente influenciadas pela arquitetura brasileira.

Januário Godinho compreende o lugar e adequa o desenho do edifício de forma exemplar, à morfologia do terreno, contextualizando-o no espaço. O Mercado de Ovar serviu, então, como exemplo para demonstrar que era possível conciliar a técnica com as necessidades reais, a economia de meios, o contexto e a tradição ao, por exemplo, aplicar a estrutura porticada nos percursos por entre os pavilhões, influência do passado (*stoa*, *loggias*).

O Mercado de Ovar traz reminiscências das formas antigas através do uso dos vários pavilhões permeáveis e percursos porticados distribuídos num jardim ou formando um pátio.

O mercado e a cidade confundem-se pela permeabilidade do espaço e pela criação de espaço verde e praças públicas.



Fig. 42. Planta do Esboceto de Rodrigo Pais com a marcação da localização original do Mercado (1) e a atual (2)



Fig. 43. Pátio central, Mercado da Vila da Feira

3.4.2. MERCADO DE VILA DA FEIRA

O Mercado da Vila da Feira (1954/1959) assenta num terreno de forma quadrangular, de cinquenta por cinquenta metros, situado na zona baixa da cidade.

No Plano de Urbanização de 1950/51, de Rodrigo Pais, consta uma localização diferente da atual, inclusive uma implantação em forma de “U”. Contrariamente à ideia de associação do mercado com o centro cívico através de um novo arruamento, a norte, o arquiteto opta por um edifício público de forma isolada num quarteirão.

A nova construção cria, assim, uma nova centralidade, na cota baixa da vila, pela relação com o parque e castelo da encosta. Távora afasta o mercado do centro cívico mas liga-o, em contrapartida, à nova área de expansão e à habitação.

O mercado apresenta-se, por um lado, estável e robusto e, por outro, dinâmico e permeável. A sua espacialidade, com desenho mais tradicional, é composta por quatro volumes diferentes, em betão, que definem um espaço central, ocupando dois níveis distintos e aproveitando a morfologia do terreno.

Nesta obra está também presente a cobertura em forma de “borboleta”. Apesar de ser exterior, o espaço é tratado, através da escala humana, com um sentimento mais doméstico, criando um ambiente familiar e acolhedor.

Nos primeiros estudos do mercado, é clara a ideia de pátio central. Na implantação, Távora cumpriu o alinhamento do edificado envolvente, criando uma separação entre o passeio e a galeria de lojas. Desta forma, o mercado não se sobrepõe visualmente ao preexistente, mas integra-se de forma harmoniosa. Adapta-se ao espaço mantendo a distância necessária.

Comparando ambos os projetos, é perceptível que Távora estudou o conceito de mercado parque de Ovar, de Januário Godinho. Esta análise ajuda na conceção e definição dos princípios organizadores do pensamento de Fernando Távora. À semelhança de Ovar, a fonte central desliga-se da sua funcionalidade e assume um valor simbólico na criação do ambiente do mercado. Távora descreve que o mercado da Vila da Feira *“ocupa entre árvores e diversos pavilhões dando-lhes a feição própria que este ambiente há-de existir e continua, esta disposição de corpos (...) deixando entre si grandes espaços livres (...), permite alargar o mercado reduzindo a superfície aberta e torna-o além de útil, (...) aprazível”*⁴⁹.

Existe, definitivamente, uma ideia de cidade e paisagem que se transformam, aliando, tal como nos mercados de Januário Godinho, modernidade e tradição. O projeto

⁴⁹ TÁVORA, Fernando. *Mercado da Feira*, Arquivo da Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, FIMS-FT-0022-0163 e 0164.

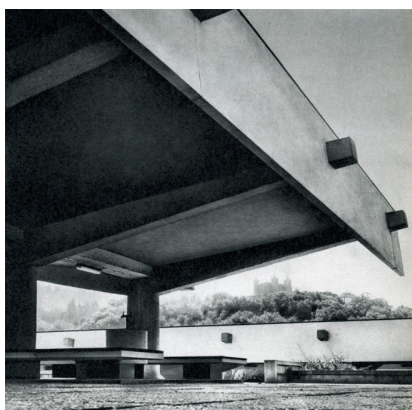


Fig. 44. Mercado da Vila da Feira



Fig. 45. Acesso ao pátio central, Mercado da Vila da Feira

vem marcar como este espaço deve ser ocupado e vivido. O mercado da Vila da Feira oferece à cidade um lugar de encontro, de troca, associado ao lazer e onde *“o público caminha facilmente pelos espaços que lhe são destinados e no centro do Mercado, entorno de um pequeno lago, um banco quási contínuo, cria uma zona de repouso em relação à circulação”*⁵⁰.

⁵⁰ TÁVORA, Fernando. *Mercado da Feira*, Memória Descritiva do anteprojeto de setembro de 1954, Arquivo da Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, FIMS-FT-0022-0002.



Fig. 46. Vista superior, Praça 8 de Maio, Coimbra



Fig. 47. Praça 8 de Maio, Coimbra

3.4.3. PRAÇA 8 DE MAIO

A Praça 8 de Maio, situada na zona baixa da cidade de Coimbra, insere-se numa malha urbana caracteristicamente medieval. A praça, caracterizada por um desenho irregular de pequenas ruas antigas, favorece de uma posição central no conjunto de espaços públicos que a envolve.

De modo a resolver um problema grave de cheias, a praça foi sendo alvo de alterações que resultaram, depois de diversas operações, numa topografia instável e muito variada. Frágil ao ponto de a disparidade de cota entre a praça e a entrada da igreja de Santa Cruz chegar a alcançar uma diferença de 7 degraus, colocando a igreja numa posição debilitada. O arquiteto revela que *“A cota da praça em frente da entrada da Igreja, que era de 1,3 metros acima da soleira, (...) é agora recuperada para o seu valor original, reconstituindo assim a identidade do espaço inicial bem como a leitura da Igreja de Santa Cruz referenciada às ruas Direita, da Moeda, da Louça e do Corvo, que aí afluíam frontalmente à fachada do monumento”*⁵¹.

Em 1992, integrado na estratégia de reabilitação do centro histórico de Coimbra, Fernando Távora apresenta um plano de conjunto, apoiado numa planta, que contempla a base estrutural da intervenção (praça) bem como as intenções de extensão até à margem do rio, para poente.

A Praça 8 de Maio define-se como um espaço amplo, com uma altimetria relativamente constante, transmitindo uma certa estabilidade.

É na planta, de forma irregular, e no tratamento das cotas que se ilustram as intenções, direções e eixos organizadores. Deu-se atenção à uniformização de cotas, permitindo à igreja de Santa Cruz assumir novamente o seu papel de eixo organizador na praça. *“Ao criar-se uma nova praça na zona do “Bota-Abaixo”, estabelece-se um pólo complementar da Praça 8 de Maio gerando a sua dinâmica, assim o julgamos, uma capacidade de revitalização da área urbana, algo degradada, existente entre as duas praças”*⁵².

Outra estratégia pensada para vencer a diferença de cotas foi a criação de vários espaços, de estar e circulação, com diversas funções, conferindo um continuidade e fluidez espacial. A praça contém equipamentos importantes da cidade, como a Câmara Municipal e o Monumento de Santa Cruz de Coimbra, e a ligação das ruas a outros espaços públicos que são motivos de encontro da população, fazendo da praça um ponto de confluência.

⁵¹ TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora: Percurso, a life long trail*. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993. - Catálogo de uma exposição. - Bilingue, p. 85.

⁵² Idem, ibidem.



Fig. 48,49 e 50. Várias perspetivas, Praça 8 de Maio, Coimbra

O desenho do pavimento revelou-se, neste projeto, uma ferramenta fundamental na definição das várias espacialidades e para a compreensão global do espaço. Ele indica as continuidades e quebras no espaço, sendo cuidadosamente desenhadas as soluções para cada situação, variando apenas o valor do material e a sua textura, por forma a enfatizar a transição.

O mobiliário urbano reforça a organização de espaço. Algumas peças funcionam como elementos de fixação que proporcionam o encontro social. Os muros que começam a uma cota baixa, ganham dimensão e transformam-se em muros de suporte que condicionam o acesso e estabelecem pontos de entrada na praça.

Na sua intervenção, o arquiteto conseguiu manter a ideia de espaço como elemento de união e continuidade. A praça estabelece-se como um espaço público articulador dos espaços envolventes, um nó significativo da cidade de Coimbra, um lugar de troca e de passagem de pessoas, um espaço de estar e cruzamento de percursos. Távora traz de volta o sentido original da praça com uma leitura moderna em continuidade com o passado.



Fig. 51. Festas de S.Gonçalo, Amarante



Fig. 52. Cidade de Amarante: 1. Rua 5 de Outubro; 2. Igreja e Convento de S. Gonçalo; 3. Largo de S. Gonçalo; 4. Alameda Teixeira Pascoaes; 5. Museu Souza Cardoso; 6. Câmara Municipal; 7. GNR; 8. Mercado Municipal; 9. Parque Florestal; 10. Cine-Teatro; 11. Casa da Juventude; 12. Esplanadas; 13. Rua 31 de Janeiro; 14. Largo António Cândido

3.5. O MERCADO E A CIDADE DE AMARANTE

“A manifestação mais visível, pelas suas dimensões, da descontinuidade e da desordem do espaço contemporâneo é a cidade e, se o homem como ser urbano tem já longos antecedentes, a verdade é que a cidade típica dos nossos dias apresenta aspetos e problemas completamente inéditos”⁵³.

A cidade desenvolve-se, ao longo do tempo, por meio dos seus habitantes e das suas atividades. O homem “cria cidade” adaptando a estrutura urbana às funções, necessidades e interesses diversos; o homem torna-se urbano no sentido em que é dependente de comunhão de crenças, partilha de opiniões, filosofias e bens.

Deste modo, a cidade opera numa base lógica e racional sendo, por isso, complexa e não apenas complicada, tratando-se de um sistema aberto onde os equilíbrios são instáveis, as suas variações menores podem gerar alterações significativas e as evoluções são geralmente irreversíveis⁵⁴.

No crescimento da cidade importa sublinhar o papel determinante das infraestruturas viárias. Elas aparecem como suporte dos espaços coletivos e como articuladoras de usos, daí o papel preponderante das mobilidades. Fruto da alteração radical da noção de distância, a cidade reorganiza-se por meio de uma rede de vias rápidas. Assim, a distância é diminuída pela banalização de meios de transporte mais rápidos que induzem, cada vez mais, a uma nova dimensão global dos acontecimentos.

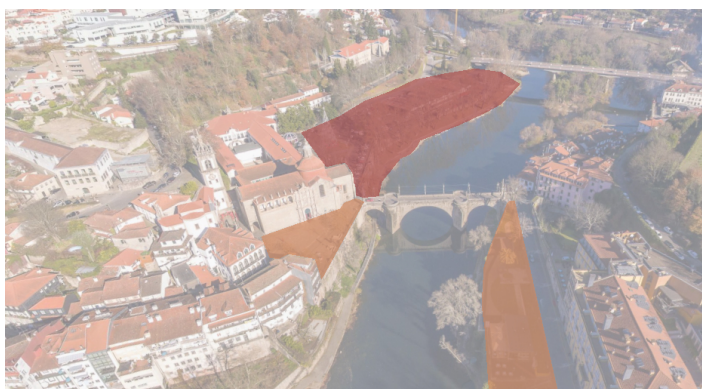
Na margem do rio Tâmega, o Mercado Municipal de Amarante funde-se com a envolvente de forma elegante. Trata-se de um mercado aberto, amarrado ao terreno e à própria cidade, no sentido em que depende dela para subsistir, pois o Mercado só existe se houver interesse das pessoas, qualquer que seja o uso. Mas o que antigamente se caracterizava como um edifício central e influente para a cidade de Amarante perdeu, nos dias de hoje, a sua magnitude e importância social. O edifício que outrora movimentava a cidade cai hoje no esquecimento dos amarantinos.

A cidade desenvolveu-se, expandiu-se território afora e, com este desenvolvimento, também o comércio e serviços se multiplicaram pelas novas áreas da cidade.

O Mercado Municipal de Amarante é atualmente utilizado apenas dois dias por

⁵³ TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1999, p.34.

⁵⁴ ASCHER, François. *Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade*, Oeiras: Celta Editora, 1998.



■ Mercado Municipal e envolvente ■ Áreas de lazer existentes

Fig. 53. Vista área da zona histórica de Amarante, onde é claro o contraste entre as duas zonas abordadas.



Fig. 54. Vista aérea do Parque Florestal de Amarante



Fig. 55. Casa da Juventude de Amarante



Fig. 56. Cine-Teatro de Amarante



Fig. 57. Zona de Esplanadas da margem Sul do Rio Tâmega

semana – quartas-feiras e sábados, de manhã – para o seu propósito primário.

O que nos meados do século XX se assinalava como um espaço fundamental que contribuía para o bom funcionamento de Amarante, revela-se hoje algo esquecido. Um edifício de tal “estatura” e dimensão distancia-se do seu significado e compromete a sua função como gerador de atividade social precisamente pela pouca participação da comunidade. Com o decorrer do tempo, e em função da evolução económica e social, os ritmos alteraram-se pelo aparecimento de novas infraestruturas que, neste campo tipológico, passaram a fazer concorrência.

À época, o Mercado era um lugar de troca essencial à cidade, de tal forma que foi movimentador de pessoas de localidades distantes para as atividades do mercado. A localização de Amarante (situada entre o Minho e o Litoral) contribuiu para o elevado fluxo dos seus visitantes.

A configuração atual desta zona da cidade, em que o Mercado de Amarante se insere, tornou de forma inconsciente a histórica implantação do convento de S. Gonçalo - ex-libris da cidade - num ponto de interrupção da rede de espaços de qualidade desta zona, reforçando o esquecimento da obra de Januário Godinho.

Denota-se um distanciamento, uma perda de relação entre a área do Mercado e a restante margem norte (para poente) bem como toda a margem sul do rio Tâmega. É notório o contraste entre as duas áreas. Assim, do lado sul do rio, existe uma maior diversidade de espaços de estar, visitar e até de comércio, sendo eles o Parque Florestal, a Casa da Juventude, o Cine-Teatro, a Rua 31 de Janeiro e a rede de esplanadas que fortalece a proximidade com o rio; do lado norte encontramos a Praça da República que serve de porta de entrada ao convento de S. Gonçalo e alberga alguns cafés que fazem a transição para a Rua 5 de Outubro, também ela de comércio tradicional. Na zona envolvente do Mercado, a nascente do convento, além do Museu Amadeo Souza Cardoso encontramos os serviços públicos institucionais: Câmara Municipal, Tribunal e GNR.

Trata-se de uma zona com falta de espaços de lazer e convívio o que, aliado ao facto de ser uma área mais administrativa do poder local, a torna mais rígida sendo esta realidade bem evidente nos dias em que o mercado está inativo em que transparece o abandono e a carência desta zona.

O convento figura, portanto, como um ponto de profunda separação entre um espaço de estar, aprazível e agradável, por um lado, e um espaço de passagem, sem focos de interesse, austero e autoritário, por outro.



Fig. 58. Largo de S. Gonçalo, Amarante



Fig. 59. Acesso Poente da Alameda Teixeira Pascoaes, Amarante



Fig. 60. Alameda Teixeira Pascoaes, Amarante

Com este discurso não se pretende afirmar que a zona do mercado se encontra degradada ou em más condições até porque a Alameda Teixeira Pascoaes foi recentemente redesenhada. Embora a sua estratégia passasse pela oferta de um espaço de estar agradável, a Alameda serve apenas para a receção do trânsito para acesso ao centro histórico de Amarante e aos serviços acima enunciados, ou seja, está a servir apenas e só para efeitos de estacionamento.

Pretende-se, portanto, potenciar uma continuidade de ambientes, uma fluidez de pessoas, de ritmos, de energias de modo a não tratar esta zona tão bela da cidade apenas como um espaço de transição, de passagem.

É uma necessidade urgente pensar em formas de intervenção que proporcionem a esperança para o futuro da zona do Mercado. Já o Antepiano de Urbanização, elaborado há décadas pelo arquiteto Januário Godinho, estabelecia a harmoniosidade das margens a partir a demolição dos edifícios construídos nesta zona ribeirinha, não só pela sua degradação e perigo de ruína mas também para contribuírem para o embelezamento da paisagem: “Todos os prédios à margem do rio Tâmega entre o Largo António Cândido e a ponte serão demolidos por fases sucessivas; em seu lugar será criada uma ampla esplanada ao longo da margem do rio”⁵⁵.

Concluindo, é importante a concertação de estudos para que de facto este espaço se torne mais coeso e agradável.

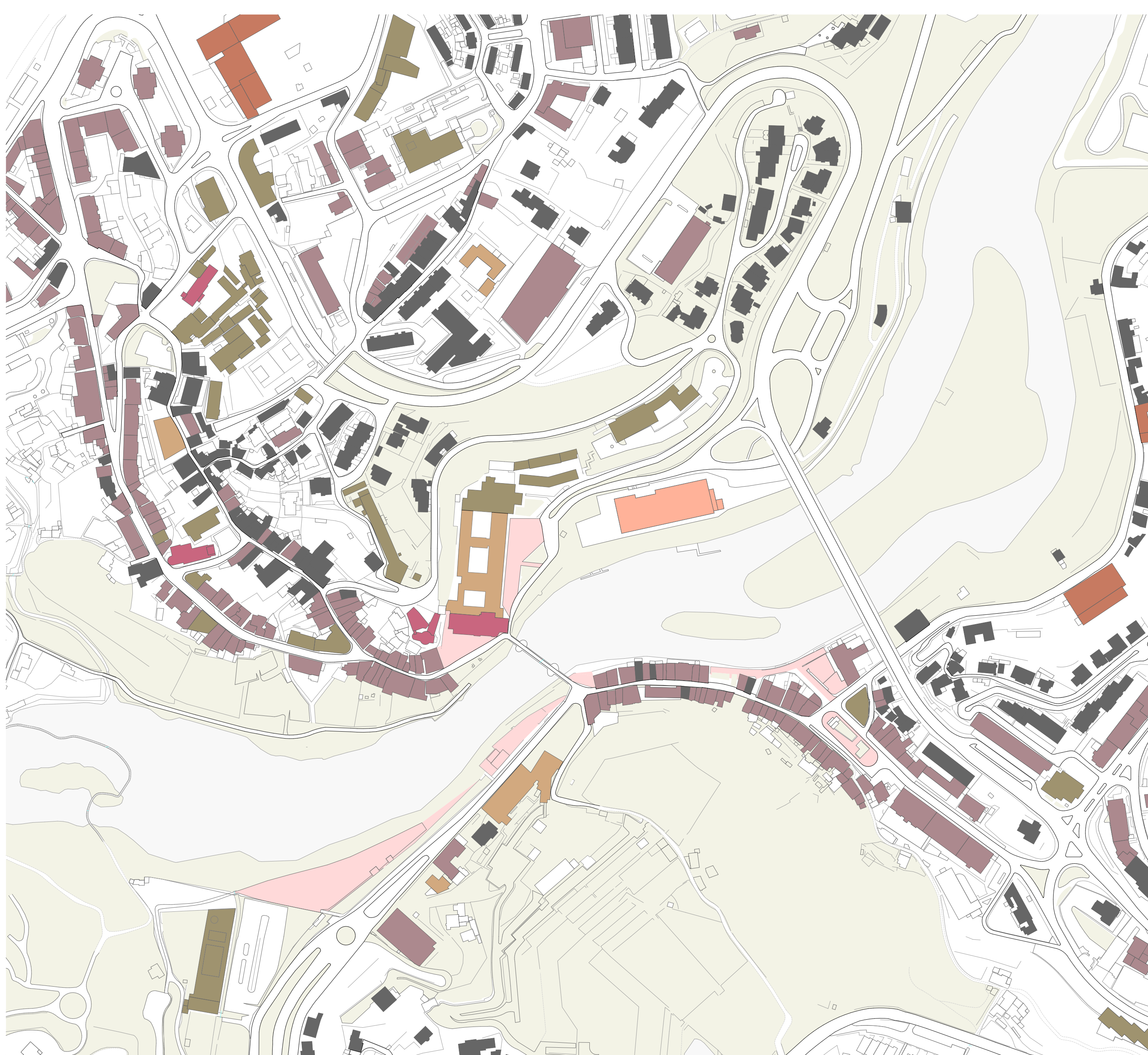
⁵⁵ *Antepiano de Urbanização de Amarante*, Januário Godinho, 1950, Plataforma digital DGOTDU, SNIT, Arquivo Histórico, p. 56.

Legenda

- Mercado Municipal de Amarante
- Rio Tâmega
- Edifício Comercial (Piso Térreo)
- Edifício Religioso
- Edifício de Serviços
- Edifício Cultural
- Edifício Industrial
- Espaço Lazer | Praça | Esplanada
- Espaço Verde

Escala: 1/2500

Fig. 61. Cartografia Tipológica de Amarante



4. MEMÓRIA PARA O FUTURO



Fig. 62 e 63. Alameda Teixeira Pascoaes, Amarante, década de 1950



Fig. 64 e 65. Alameda Teixeira Pascoaes, Amarante

4.1. UMA NOVA PERSPETIVA

O conceito de cidade assenta no argumento de que os vários componentes que constituem a paisagem não podem ser dissociados e que cada componente é tão importante na leitura do conjunto como na sua individualidade. Então, para que o todo não seja apenas uma soma das partes é preciso reforçar o cenário físico e as atividades que constituem a cidade, ressaltando a qualidade de vida, para além de uma imagem que se possa admirar. Para tal fim, urge a necessidade de corrigir debilidades físicas e funcionais.

Todos os problemas assinalados anteriormente apelam à intervenção neste espaço da cidade. Na tentativa de alcançar uma correspondência com a envolvente do Mercado de Amarante, apresenta-se, sob a forma simples e concetual, um ensaio. Com a revitalização da Alameda Teixeira Pascoaes e da relação desta com o Mercado procura-se diluir a ideia fracionada que esta zona de Amarante transmite na comparação entre as margens do rio Tâmega.

O conceito projetual proposto assume um carácter urbano que ultrapassa uma simples intervenção na própria arquitetura do mercado municipal, visando a reintegração da obra na vida urbana, social e cultural da cidade.

Na Alameda Teixeira Pascoaes entende-se que a eliminação do trânsito automóvel para poente (que circundava a Alameda) só trará benefícios. Assim, a passagem de viaturas será apenas efetuada num sentido, de poente para nascente (trânsito proveniente da margem sul). Esta opção possibilitará a expansão da zona verde atual bem como a melhoria da qualidade espacial.

A nova praça será dotada de uma composição de espaços de estar equipados com mobiliário urbano que promova o convívio. Importa sublinhar que o mobiliário urbano se revela importante na medida em que ladeia o pavimento permeável e, por sua vez, define as zonas de paragem e de percurso.

Embora não haja uma definição específica de material do pavimento pretende-se que o desenho estabelecido seja cumprido. A sua configuração permite, tal como na Praça 8 de Maio, definir as continuidades e quebras na Alameda Teixeira Pascoes e até indicar, ainda que subtilmente, a entrada do Museu Souza Cardoso. Ainda, uma linha de árvores delimitará o espaço da praça, funcionando como separação da zona de trânsito. Justifica-se, portanto, que a configuração da Alameda Teixeira Pascoes anterior à sua remodelação era mais benéfica para a cidade.

O espaço do Mercado situado mais a poente serve hoje, como referido anteriormente, para estacionamento, facto que retira carácter ao lugar. Por isso, propõe-



Fig. 66. Perspetiva Geral da Proposta para Poente

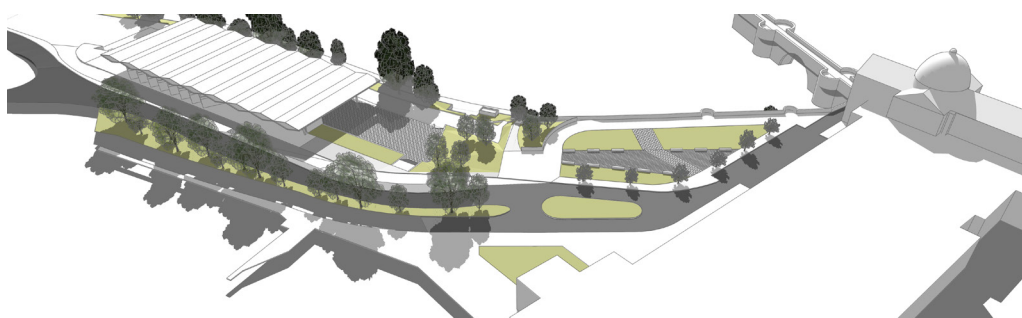


Fig. 67. Perspetiva Geral da Proposta para Sul

-se uma nova composição do espaço associada a uma medida que contrarie a situação atual. A atitude de omitir as viaturas nesta área devolverá a intensidade ao espaço, o seu carácter humano e, consequentemente, o embelezamento da paisagem. Se tal não for conseguido, permitir-se-á o recomeço do ciclo de abandono.

Recordando Viollet-le-Duc, que defendeu o princípio da necessidade de eliminar todas as adições posteriores por forma a restabelecer a obra à sua homogeneidade estilística inicial, sugere-se uma reaproximação ao projeto original de Januário Godinho para o Mercado de Amarante. Entende-se, portanto, que a transição de um remate mais orgânico e pouco explícito por um desenho mais conciso, através de uma diretriz forte que marque o fim do espaço de mercar e, ainda, a eliminação do acesso viário a esta zona, seja a opção mais favorável.

Seria interessante pensar na aplicação de mobiliário amovível de apoio ao mercado, nesta área em particular, não só para a definição das zonas de venda e circulação mas, também, para ir de encontro à organização dos postos de venda que se encontra no “interior” do edifício. Tornar, assim, o espaço mais harmonioso.

Pretende-se, então, trazer de volta a vida ao Mercado. Tal como Fernando Távora criou um espaço central a duas cotas no Mercado da Vila da Feira, entende-se que os dois espaços distintos, a Alameda Teixeira Pascoaes e o espaço “exterior” do Mercado a poente, devem ser redefinidos de modo a formarem um espaço único contínuo.

Um simples arranjo no extremo poente do edifício possibilitará a sua regeneração através da criação de um espaço mais aprazível de apoio a futuras atividades no Mercado para além do seu principal propósito. Esta intenção está também presente nos Mercados de Ovar e de Vila da Feira, pelo entendimento dos seus autores ao considerarem que um mesmo espaço pode não ser só usado para mercar mas também para ser vivido como um espaço de estar, pertencente à cidade.

Este novo espaço fará com que a situação de que se é testemunho atualmente seja evitada. A utilização deste sítio riquíssimo, com imensas oportunidades de se tornar num momento agradável da cidade, está, neste momento, a responder a uma função completamente diferente do pretendido e em nada favorece o Mercado de Amarante.

Outro problema associado a esta zona passa pela pobre ligação da Alameda Teixeira Pascoaes à cota do rio. A ligação é feita atualmente por um acesso sinuoso, numa conjugação de escadas e rampas. Assim, por forma a dinamizar este acesso, a solução passa pela implantação de um sistema de rampas. A configuração deste possibilita a criação de um miradouro a meio do percurso, bem como o acesso à cota do Mercado. A comunicação entre a cota alta e a do rio será assim melhor conseguida, de uma forma mais agradável e com maior acessibilidade.



Fig. 68. Pormenor de percurso

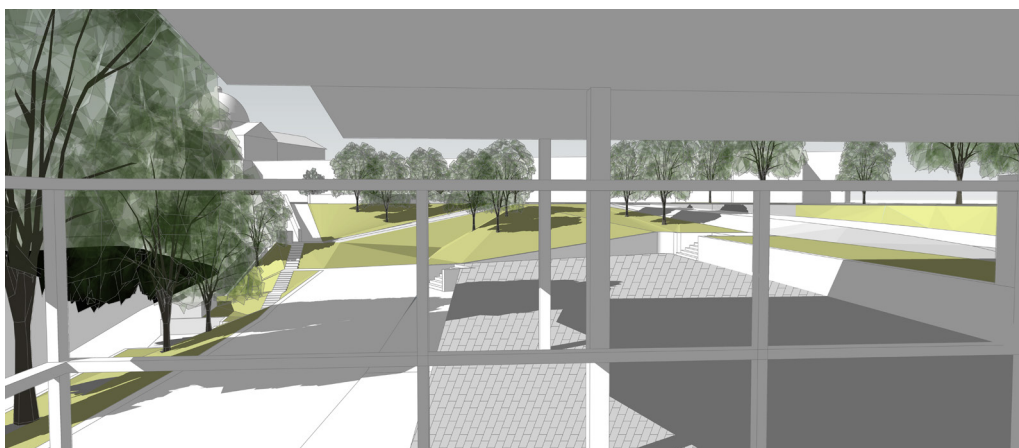


Fig. 69. Vista pelo interior do Mercado de Amarante

Para dar ênfase às alterações propostas é desejável que o Mercado seja, com mais frequência, cenário de atividades culturais como é o caso do Festival MIMO, realizado anualmente em vários pontos da cidade.

A composição do edifício responde, não só, eficientemente às atividades do mercado mas também, pela sua permeabilidade e multiplicidade de espaços (com terraços superiores e varandas sobre o rio, tratando-se de um edifício aberto), se dispõe como um local capaz para a dinamização de outras atividades que ali possam vir a ser desenvolvidas. Esta variedade de atividades solicita, portanto, uma regeneração deste ponto da cidade.

Assim, pretende-se dar uma continuidade ao pensamento de Januário Godinho. Fazer com que este espaço se torne novamente ponto de interesse para os habitantes de Amarante, e não só. Quer-se, com esta proposta, aproximar as pessoas ao Mercado e combater a noção de superficialidade e desinteresse em relação a esta zona.

Esta é uma proposta que contraria o descuido, estimulando a relação entre o Mercado e a cidade, até porque *“(...) a excelente natureza do solo, a magnífica exposição, a formosura incomparável do sítio, alto, desafogado e dominante, são privilégios que em outra parte de Amarante não é possível encontrar”*¹.

Ao colocar esta solução em prática poder-se-á afirmar que a zona ribeirinha de Amarante poderá ser, uma vez mais, constituída por um sistema de espaços públicos múltiplos contínuos, desde o Parque Florestal até ao Mercado Municipal. As pessoas que visitam o centro histórico de Amarante poderão usufruir de uma nova Alameda Teixeira Pascoaes e novos espaços de lazer ao longo do percurso.

Com o mesmo propósito com que Januário Godinho desenvolveu o Antepiano de Urbanização, projeta-se uma proposta regeneradora deste espaço que, pelas suas características - a natureza, o sol, e a beleza do rio -, incentive ao fomento das relações sociais.

Com a mudança de atitudes e diversificação de interesses, é possível que o descuido e o esquecimento do Mercado de Amarante se desvaneça. Para tal, impõe-se a aplicação de soluções inovadoras e chamativas, que convidem a visitar esta obra marcante da história da arquitetura portuguesa do século XX.

¹ *Antepiano de Urbanização de Amarante*, Januário Godinho, 1950, Plataforma digital DGOTDU, SNIT, Arquivo Histórico, p. 27.

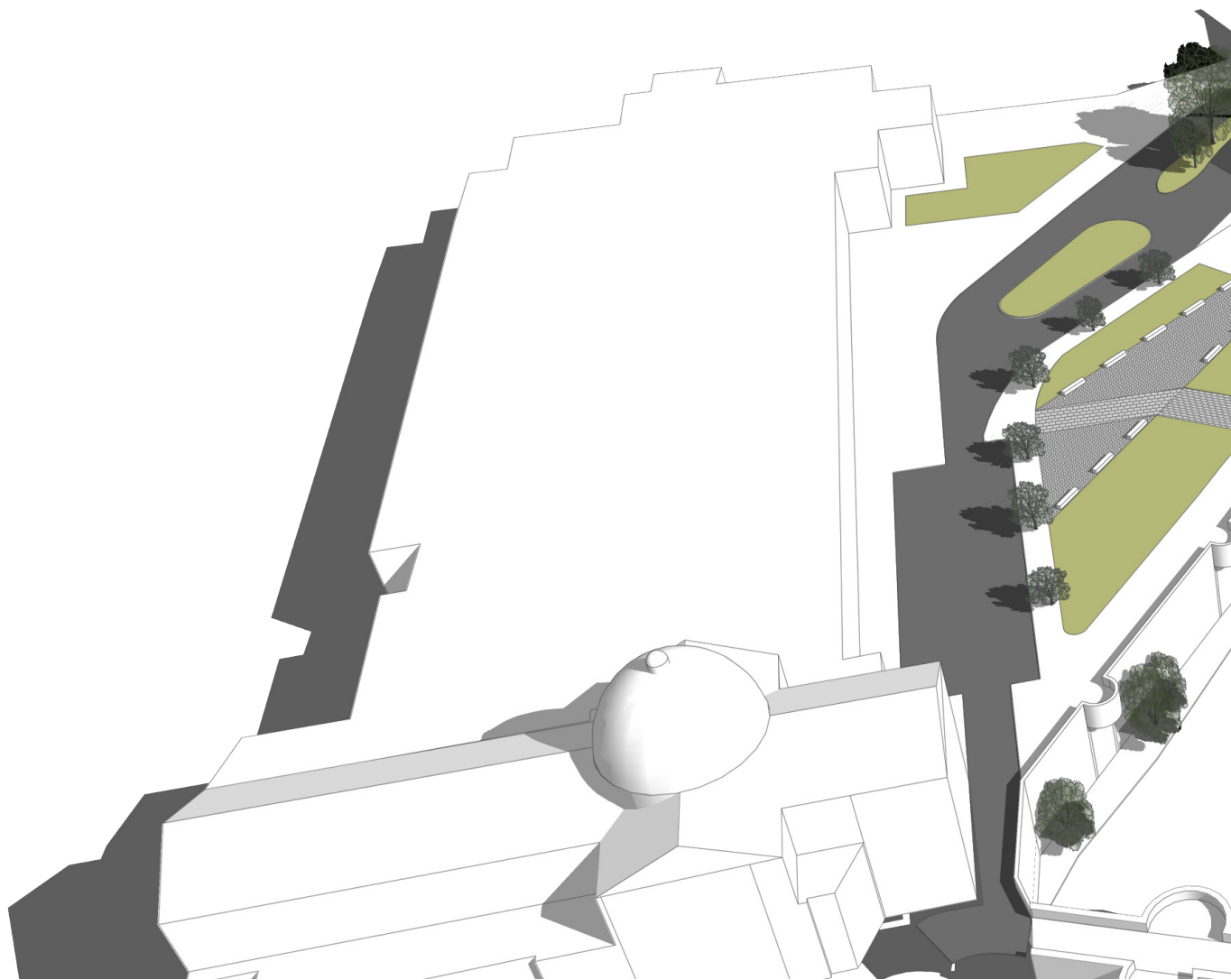
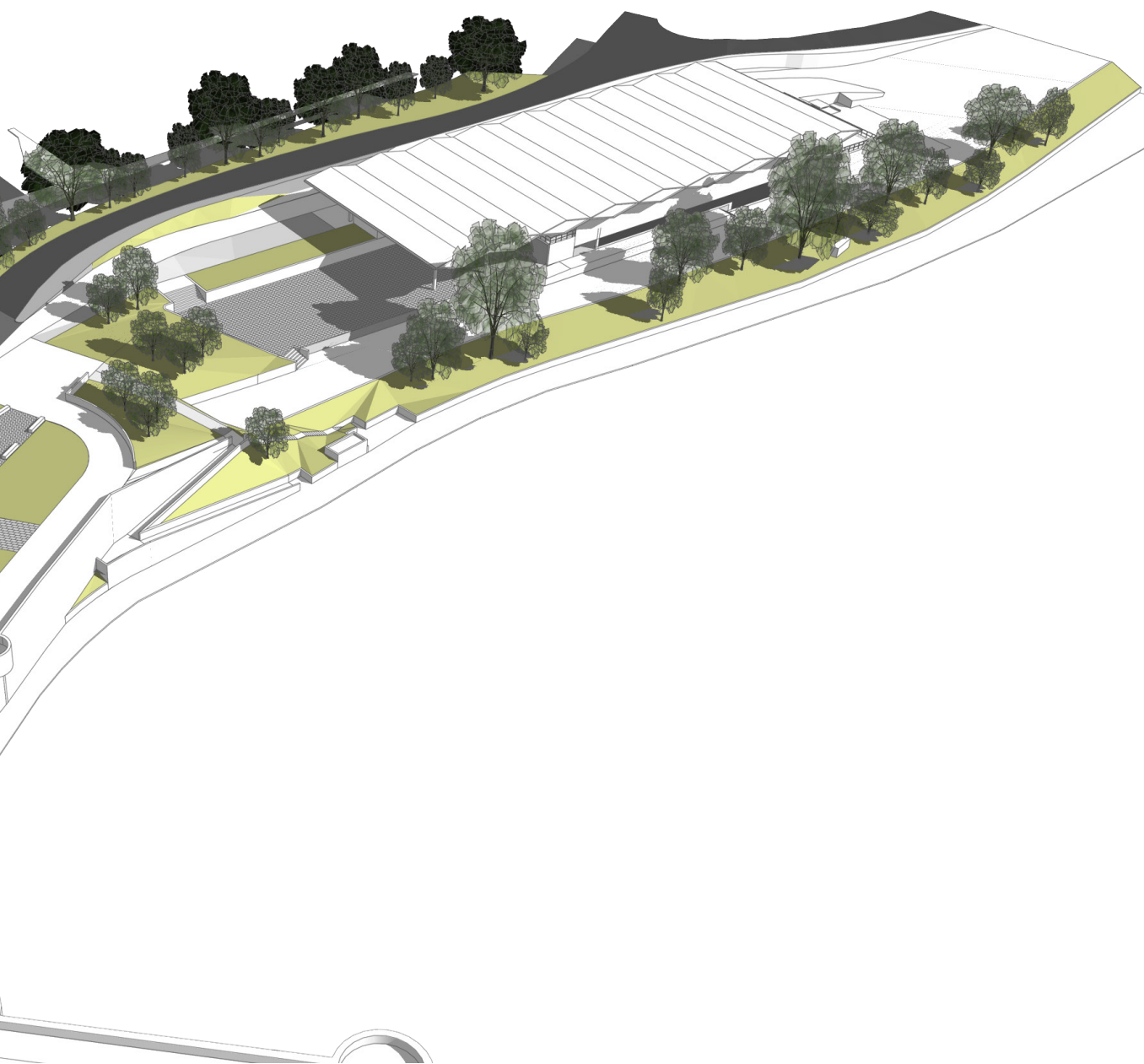


Fig. 70. Perspetiva geral da proposta para Nascente



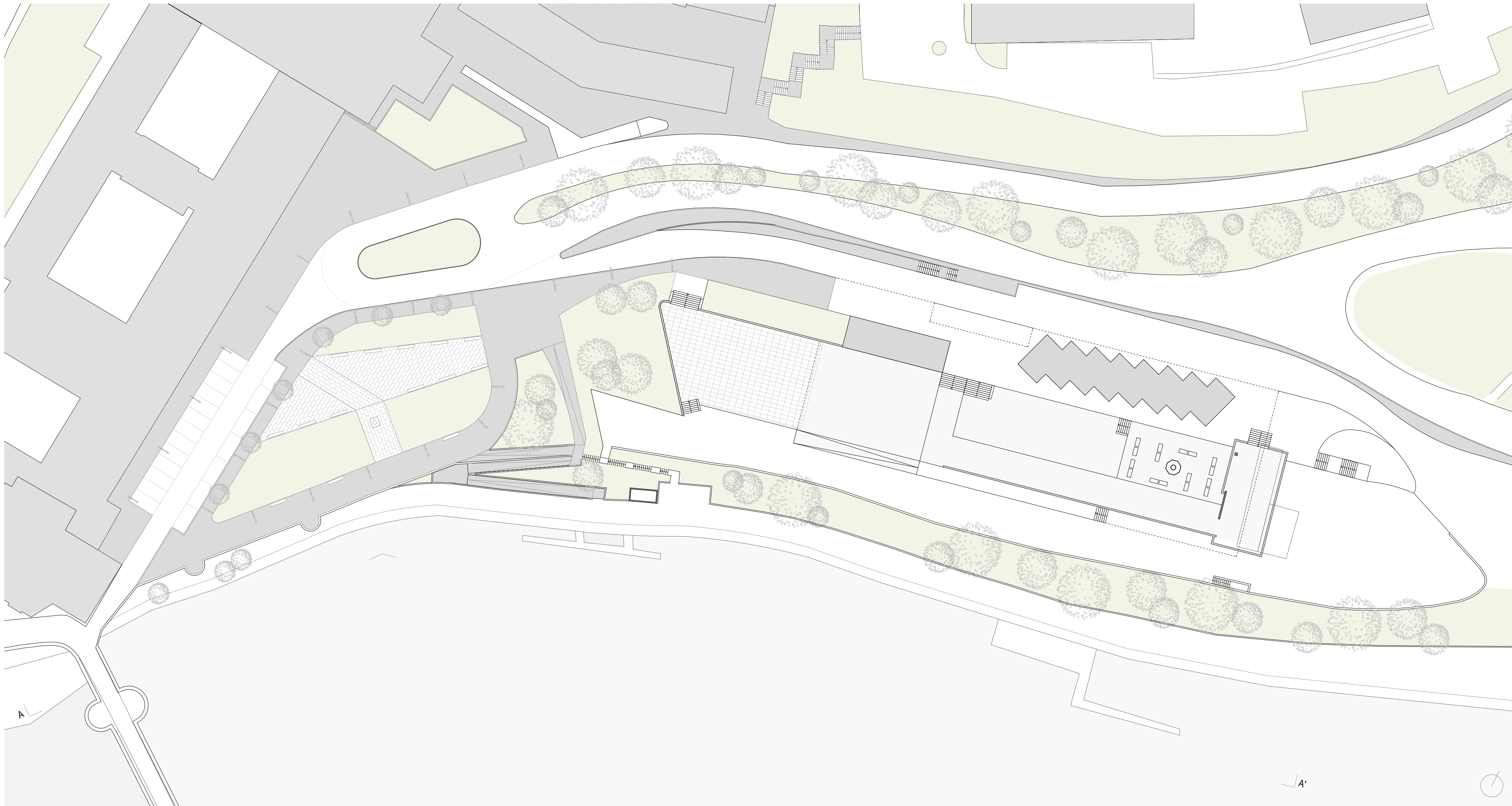


Fig. 71. Planta da proposta
de intervenção

Escala: 1/500

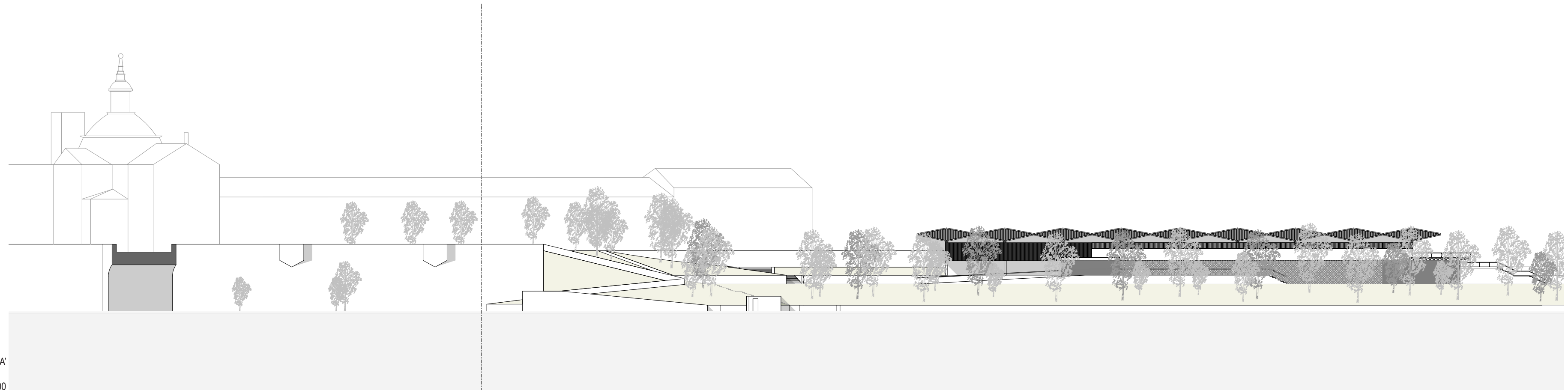


Fig. 72. Corte AA'
Escala: 1/500

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do tema e a problemática desenvolvida nesta dissertação acarretaram um conhecimento mais aprofundado sobre o conceito de património. O estudo das várias teorias emergentes ao longo do tempo bem como algumas reflexões mais recentes abriram caminho a um primeiro contacto com o tema e, mais tarde, ao desenvolvimento de uma estratégia de intervenção no Mercado de Amarante. Entendeu-se, portanto, a importabilidade de uma única teoria geral de intervenção em património porque pela singularidade de cada caso resulta numa interpretação única, particularizando-se pela sua especificidade e condição.

As teorias de intervenção no património conjugadas com a história do lugar e os princípios aplicados na construção do Mercado de Amarante manifestaram-se indispensáveis na interpretação e definição da estratégia de intervenção proposta.

De igual forma, o estudo sobre o percurso arquitetónico de Januário Godinho revelou-se essencial para o entendimento da estratégia apresentada no Antepiano de Urbanização de Amarante, que serviu de base para o redesenhar da zona ribeirinha da cidade, e para o projeto do Mercado Municipal, pois tiveram repercussões no aproveitamento dos espaços.

Obra singular da arquitetura portuguesa, o Mercado de Amarante encontra-se numa situação debilitada não só pela sua rara utilização como também por negligência, demonstrada claramente pela função de estacionamento que lhe é atribuída diariamente. Por isso, é fundamental a intervenção das entidades para a sua dinamização bem como para a criação de atividades que atraia a população à margem norte de Amarante.

A pesquisa de diferentes formas de intervenção no espaço público, como o Mercado de Ovar, o Mercado da Vila da Feira e a Praça 8 de Maio, permitiu o desenvolvimento de uma estratégia que propõe, como se pretende neste contexto em concreto, dissipar a sensação inóspita sentida no Mercado e na sua envolvente.

Concluiu-se que para regenerar um edifício nem sempre é fundamental uma reabilitação estrutural sendo necessária, pelo contrário, uma ideologia de manutenção indispensável à vida do edifício de modo a assegurá-lo. A garantia da continuidade do Mercado não é alcançada somente a nível construtivo mas, também, no campo programático. Daí a proposta de intervenção se basear num redesenho dos espaços conjugada, em paralelo, com a intenção da integração do Mercado em várias outras atividades da cidade.

Um futuro sustentável faz-se através da ligação das formas do passado com o modo de vida do presente, confluindo para a solução eficaz na apropriação das formas urbanas.

Esta estratégia de intervenção exalta o Mercado, símbolo da cidade de Amarante, adaptando-o a novos contextos e a novas vivências contemporâneas preservando, ao mesmo tempo, a memória coletiva e a identidade do património na paisagem.

Assim, este estudo procurou desenvolver uma estratégia de intervenção, para o Mercado de Amarante e envolvente próxima, no sentido de estabelecer uma correspondência e fluidez entre os diversos espaços que as margens do rio Tâmega proporcionam e alertar para a necessidade de uma continuidade de ambientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACMA - Livros de Atas da Câmara Municipal de Amarante, 1958/1961, Livro 354.

ALMEIDA, Pedro Vieira de. História da arte em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol.14.

ALVES COSTA, Alexandre. O Património Entre a Aposta Arriscada e a Confidência Nascida na Intimidade in JA - Jornal Arquitectos, nº213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 2003.

ASCHER, François. Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade, Oeiras: Celta Editora, 1998.

BOITO, Camilo. Os Restauradores. Coleção Artes e Ofícios, Ateliê Editorial, 2008.

BOTELHO, Manuel. Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética, in RA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano I, Nº 0, Outubro de 1987.

CARBONARA, Pasquale. Architettura pratica, Volume 4, Tomo secondo, Composizione degli edifici, Unione Tipografico-Editrice Torinese, Torino, 1954.

CAPITEL, Antón. Metamorfosis de Monumentos y Teorías de la Restauración, Alianza Editorial, 2ª Edição, Madrid, 2009.

CHOAY, Françoise, A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2010.

CHOAY, Françoise, Património e Mundialização, 2ª Edição, Licorne/CHAIA, 2005.

FERNANDEZ, Sérgio. Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974. 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1988.

GODINHO, Januário. *Anteplano de Urbanização de Amarante*, Plataforma digital DGOTDU, SNIT, Arquivo Histórico, 1950.

GODINHO, Januário, 1959. Frank Lloyd Wright, in Revista Arquitectura, 3ª série, nº67, Lisboa, Abril de 1960.

Januário Godinho: Leituras do Movimento Moderno, Porto: Centro de estudos Arnaldo Araújo, 2012

LAMEIRA, Gisela; ROCHA, Luciana. Januário Godinho, 1910-1990. Vila do Conde: Verso da História, 2013.

MARTÍ ARÍS, Carlos. Las Variaciones de la Identidad – Ensayo sobre el Tipo en Arquitectura, Ediciones Serbal, Barcelona, 1993.

MONEO, Rafael. Seis apuntes discontinuos sobre la ciudad, in Revista Sileno Variaciones sobre arte y pensamento, in SILVA, Maria Madalena Ferreira Pinto, Forma e Circunstância, A praça na cidade portuguesa, FAUP, Porto, 2009.

MONESTIROLI, Antonio, La arquitectura de la realidade, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1993.

PEVSNER, Nicolaus. História de las topologias arquitectónicas. Biblioteca de Arquitectura. Editorial Gustavo Gili, 2ª Edição. Barcelona, 1980.

PORTAS, Nuno. A evolução da arquitectura moderna em Portugal: uma interpretação In Zevi, Bruno, História da arquitectura moderna Arcádia, 1973.

REIGL, Alöis. O Culto Moderno dos Monumentos e outros Ensaio Estéticos. Coleção Artes e Comunicação, Lisboa, Edições 70, 2013.

ROSSI, Aldo. A Arquitectura de Cidade, tradução de José Charters Monteiro, Lisboa: Cosmos, 2001.

RUSKIN, John. A Lâmpada da Memória. Coleção Artes e Ofícios. Ateliê Editorial, 2008.

SALES, Fátima. Januário Godinho: a arquitectura como síntese: diálogo entre tradição e modernidade in Revista Arquitetura Lusíada, nº6, 2014.

SECCHI, Roberto. L'architettura degli Spazi Commerciali, Oficina Edizione, Roma, 1991.

SILVA, Maria Madalena Ferreira Pinto. Forma e Circunstância, A praça na cidade portuguesa. FAUP, Porto, 2009.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Do Contraste à Analogia in JA - Jornal Arquitectos, nº213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 2003.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Património arquitectónico o parque temático. In PH : Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico nº37. Sevilla: Consejería de Cultura Junta de Andalucía.

TAVARES, André, Duas Obras de Januário Godinho em Ovar, Equações de Arquitectura, Dafne Editora, Porto, 2012.

TÁVORA, Fernando. Da Organização do Espaço, Porto, FAUP Publicações, 1999.

TÁVORA, Fernando. Fernando Távora: Percurso, a life long trail. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993. - Catálogo de uma exposição. – Bilingue.

TOSTÕES, Ana (coord.). Arquitectura moderna portuguesa: 1920-1970 Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. Restauro, Vol. 1, Coleção Artes e Ofícios. São Paulo: Ateliê, 2000.

II Congresso Histórico de Amarante: actas/ Congresso histórico, Vol.2, Amarante, Câmara Municipal, 2009.

Cartas

1931, Carta de Atenas

1964, Carta de Veneza - II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos

2000, Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património

Sites

<https://www.arquivoatom.up.pt/>

<https://www.icomos.up.pt/>

<http://www.monumentos.pt/>

<http://www.dgotdu.pt/>

Arquivos

Arquivo da Câmara Municipal de Amarante

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Fig. 1 Planta da Ágora de Atenas, Século II

Fonte: <http://agora.ascsa.net/id/agora/drawing/a%203984&q=references%3A%22Agora%3A Monument%3AMetroon%22&t=&v=icons&p=1&s=183&sort=rating%20desc%2C%20sort%20asc&size=full> (visitado a 15 Setembro de 2017)

Fig.2 Planta do Fórum Romano de Timgad

Fonte: *Os dez livros de arquitectura de Vitruvius: corrigidos e traduzidos recentemente em português*, com anotações e figuras. Lisboa: DECIST, 1998, p.132.

Fig. 3 Dia de Mercado, Amarante, década de 1970

Fonte: Fotografia cedida pela “Associação para a criação do Museu Eduardo Teixeira Pinto” da autoria de Eduardo Teixeira Pinto

Fig. 4 Dia de Mercado, Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 5 Interior do Mercado de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 6 Planta do Antepiano de Urbanização de Amarante, 1950

Fonte: www.dgotdu.pt. Plataforma digital da DGOTDU, SNIT, arquivo histórico, distrito Porto, Município de Amarante, Antepiano de Urbanização de Amarante, Januário Godinho, 1950

Fig. 7 Localização antiga da feira e implantação do Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Imagem Google Maps trabalhada

Fig. 8 Feira em frente à igreja de S. Gonçalo, Amarante

Fonte: MONTEIRO, António; TEIXEIRA, Francisco. *Amarante – Passado e Presente*. Amarante: Impress24, 2016.

Fig. 9 Campo da Feira, Amarante

Fonte: *Eduardo Teixeira Pinto – a poética da imagem*, Amarante: Grupo Mota Engil, 2010

Fig. 10 Mercado Municipal de Amarante em fase de construção, início da década de 1960

Fonte: Fotografia cedida pela “Associação para a criação do Museu Eduardo Teixeira Pinto” da autoria de Eduardo Teixeira Pinto

Fig. 11 Fase final da construção do Mercado Municipal de Amarante, 1963

Fonte: Fotografia cedida pela “Associação para a criação do Museu Eduardo Teixeira Pinto” da autoria de Eduardo Teixeira Pinto

Fig. 12 Inauguração do Mercado Municipal de Amarante com a presença do Ministro Arantes de Oliveira, Maio de 1964

Fonte: Fotografia cedida pela “Associação para a criação do Museu Eduardo Teixeira Pinto” da autoria de Eduardo Teixeira Pinto

Fig. 13 Implantação do Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Imagem Google Maps trabalhada

Fig. 14 Zonas de venda do Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 15 Alçado Principal, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 16 Alçado Norte, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 17 Pormenor da estrutura, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 18 Pormenor dos favos hexagonais, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 19 Zona de venda de peixe, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 20 Zona de venda de fruta e hortaliças, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 21 Pormenor do degrau da modulação

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 22 Entrada Nascente, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 23 Zona da Mezannine, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 24 Vista panorâmica do interior, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 25 Fotografia do interior, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 26 Alçado Nascente, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 27 Alçado Poente, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 28 Corte pelas escadas centrais, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 29 Corte pelas bancas do peixe, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 30 Planta do Piso Térreo, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 31 Planta do Piso Inferior, Mercado Municipal de Amarante

Fonte: Cedência de imagens pela Câmara Municipal de Amarante

Fig. 32 Januário Godinho (ao centro de camisa às bolas) como Grupo + Além, alunos da Escola de Belas Artes, Salão Silva Porto, Novembro de 1929

Fonte: TAVARES, André, *Duas Obras de Januário Godinho em Ovar*. Porto, Faup, 2012.

Fig. 33 Alçado da Lota de Massarelos

Fonte: SALES, Fátima. *Januário Godinho: a arquitectura como síntese: diálogo entre tradição e modernidade* in Revista Arquitectura Lusíada, nº6, 2014.

Fig. 34 Alçado da Central Hidroelétrica de Vila Nova

Fonte: LAMEIRA, Gisela; ROCHA, Luciana, *Januário Godinho, 1910-1990. Vila do Conde: Verso da História*, 2013.

Fig. 35 Palácio da Justiça de Amarante

Fonte: <http://centroparoquialgondar.blogspot.pt/2012/07/cidadaos-contr-o-encerramento-do.html> (visitado a 15 Setembro de 2017)

Fig. 36 e 37 Desenhos de Januário Godinho “para casa própria”

Fonte: SALES, Fátima. *Januário Godinho: a arquitectura como síntese: diálogo entre tradição e modernidade* in Revista Arquitectura Lusíada, nº6, 2014.

Fig. 38 e 39 Mercado de Ovar

Fonte: LAMEIRA, Gisela; ROCHA, Luciana, *Januário Godinho, 1910-1990. Vila do Conde: Verso da História*, 2013.

Fig. 40 e 41 Perspetivas interiores, Mercado de Ovar

Fonte: TAVARES, André, *Duas Obras de Januário Godinho em Ovar*. Porto, Faup, 2012.

Fig. 42 Planta do Esboceto de Rodrigo Pais com a marcação da localização original do Mercado (1) e a atual (2)

Fonte: www.dgotdu.pt. Plataforma digital da DGOTDU, SNIT, arquivo histórico, distrito Aveiro, Município de Santa Maria da Feira, Planta do Esboceto, Rodrigo Pais, 1950

Fig. 43 Pátio central, Mercado da Vila da Feira

Fonte: <http://maquina1.portodigital.pt/museus/recurso/102> (visitado a 4 de Setembro de 2017)

Fig. 44 Mercado da Vila da Feira

Fonte: <https://revisitavora.wordpress.com/mercado-municipal-de-vila-da-feira/> (visitado a 4 de Setembro de 2017)

Fig. 45 Acesso ao pátio central, Mercado da Vila da Feira

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_Municipal_de_Santa_Maria_da_Feira#/media/File:Mercado_Municipal_de_Santa_Maria_da_Feira_003.jpg (visitado a 4 de Setembro de 2017)

Fig. 46 Vista superior, Praça 8 de Maio, Coimbra

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/506655026807920479/> (visitado a 4 de Setembro de 2017)

Fig. 47 Praça 8 de Maio, Coimbra

Fonte: <https://maladviagem.blogspot.pt/2015/10/roteiro-3-dias-em-coimbra-portugal.html> (visitado a 4 de Setembro de 2017)

Fig. 48, 49 e 50 Várias Perspetivas, Praça 8 de Maio, Coimbra

Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/original/11641162.jpg> (visitado a 4 de Setembro de 2017)

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pra%C3%A7a_8_de_Maio_Coimbra_photo_by_Christian_G%C3%A4nshirt.jpg (visitado a 4 de Setembro de 2017)

<http://mapio.net/pic/p-8865627/> (visitado a 4 de Setembro de 2017)

Fig. 51 Festas de S. Gonçalo, Amarante

Fonte: *Eduardo Teixeira Pinto – a poética da imagem*, Amarante: Grupo Mota Engil, 2010

Fig. 52 Cidade de Amarante: 1. Rua 5 de Outubro; 2. Igreja e Convento de S. Gonçalo; 3. Largo de S. Gonçalo; 4. Alameda Teixeira Pascoaes; 5. Museu Souza Cardoso; 6. Câmara Municipal; 7. GNR; 8. Mercado Municipal; 9. Parque Florestal; 10. Cine-Teatro; 11. Casa da Juventude; 12. Esplanadas; 13. Rua 31 de Janeiro; 14. Largo António Cândido

Fonte: Imagem Google Maps trabalhada

Fig. 53 Vista área da zona histórica de Amarante, onde é claro o contraste entre as duas zonas abordadas.

Fonte: Imagem Google Maps trabalhada

Fig. 54 Vista área do Parque Florestal de Amarante.

Fonte: Imagem Google Maps

Fig. 55 Casa da Juventude de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 56 Cine-Teatro de Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 57 Zona de Esplanadas da margem sul do Rio Tâmega

Fonte: Imagem Google Maps

Fig. 58 Largo de S. Gonçalo, Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 59 Acesso Poente da Alameda Teixeira Pascoaes, Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 60 Alameda Teixeira Pascoes, Amarante

Fonte: Fotografia da autora

Fig. 61 Cartografia Tipológica de Amarante

Fonte: Desenho da autora

Fig. 62 e 63 Alameda Teixeira Pascoaes, Amarante, década de 1950

Fonte: Fotografias cedida pela “Associação para a criação do Museu Eduardo Teixeira Pinto” da autoria de Eduardo Teixeira Pinto

Fig. 64 e 65 Alameda Teixeira Pascoaes, Amarante

Fonte: *Eduardo Teixeira Pinto – a poética da imagem*, Amarante: Grupo Mota Engil, 2010

Fig. 66 Perspetiva geral da proposta para Poente

Fonte: Desenho da autora

Fig. 67 Perspetiva geral da proposta para Sul

Fonte: Desenho da autora

Fig. 68 Pormenor de percurso

Fonte: Desenho da autora

Fig. 69 Vista pelo interior do Mercado de Amarante

Fonte: Desenho da autora

Fig. 70 Perspetiva geral da proposta para Norte

Fonte: Desenho da autora

Fig. 71 Planta da proposta de intervenção

Fonte: Desenho da autora

Fig. 71 Corte AA'

Fonte: Desenho da autora

